

MARIA PAULA DE OLIVEIRA MACHADO

**SINTAXE DOS ADVÉRBIOS DE MODO
EM PORTUGUÊS**

**PORTO
1996**

MARIA PAULA DE OLIVEIRA MACHADO

**SINTAXE DOS ADVERBOS DE MODO
EM PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

043 M
M 132 8
ex. 2

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA -
N.º 45485
Ex. 2
Data 21 / 05 / 19 96

PORTO
Março de 1996

Maria Paula de Oliveira Machado, Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Franceses, ramo educacional, apresenta à Faculdade de Letras da Universidade do Porto a Dissertação de Mestrado Sintaxe dos advérbios de modo em Português, sob orientação da Doutora Ana Maria Barros de Brito.

À Doutora Ana Maria pelo seu apoio incondicional
A todos os que permitiram a realização deste
projecto pessoal

Muito Obrigada!

NOTA PRÉVIA

INTRODUÇÃO..... 2

CAPÍTULO I : Advérbios de Modo:

Descrição das principais propriedades.. 5

 1.1. Propriedades sintáctico-semânticas gerais.. 5

 1.2. Apresentação/explicitação dos advérbios
 pertencentes a duas classes..... 16

 1.2.1. Advérbios frásicos..... 17

 1.2.2. Advérbios de SV:
 "adjuntos" e "subcategorizados"..... 24

CAPÍTULO II: Advérbios frásicos..... 28

 2.1. Problemas de distribuição, interpretação e
 marcação prosódica..... 28

 2.2. Análise sintáctica dos advérbios frásicos.. 31

 2.2.1. Os advérbios frásicos como adjuntos..... 31

 2.2.2. Reflexões àcerca da estrutura de F e
 apresentação da análise de Belletti(90) para o
 Italiano..... 34

 2.3. Algumas propostas para o Português..... 42

CAPÍTULO III: Advérbios de SV..... 49

 3.1. Considerações iniciais..... 49

 3.2. Advérbios subcategorizados?..... 50

 3.3. Advérbios adjuntos a SV?..... 75

 3.3.1. A proposta de Pollock(88)..... 76

 3.3.2. A proposta de Larson(88) Ginet(82)..... 81

 3.4. Uma síntese possível para os advérbios
 de modo de SV..... 87

APÊNDICE..... 100

CONCLUSÃO..... 104

BIBLIOGRAFIA..... 108

A classe gramatical **advérbios** sempre foi um ponto fraco das gramáticas. Os limites imprecisos desta classe não só derivam da heterogeneidade das expressões que estão sob esta designação, como também reflectem a imprecisão do tipo de distribuição dos advérbios nas frases, passando pela ambiguidade semântica que frequentemente criam. Qualquer estudo que pretenda abordar esta categoria de palavras ver-se-á confrontado com problemas que derivam desta complexidade e que jogam com o problema das Interfaces em Linguística.

Vários critérios foram sucessivamente sugeridos para tentar resolver os problemas atrás referidos.

A classificação tradicional para este conjunto de palavras é, à semelhança de outras categorias de palavras, de origem nocional. O critério nocional contempla as noções de advérbio de modo, de quantidade ou intensidade, de tempo, de lugar, afirmação e dúvida, que são mais ou menos reconhecidas por todos os falantes. Este critério tem como ideia base o facto de o advérbio ser uma palavra que indica circunstâncias e modificações. Assim, tradicionalmente, define-se o advérbio como modificando a ideia expressa pelo verbo ou denotando as circunstâncias em que se dá o processo a que ele faz referência.

Um outro critério proposto para classificação dos advérbios é o critério morfológico. A sua natureza morfo-sintáctica parece ser uma das regularidades observadas neste tipo de palavras, uma vez que se trata de palavras invariáveis. Uma outra observação no comportamento morfo-sintáctico dos advérbios é o facto de o seu carácter modificador se aplicar tipicamente a não-substantivos. Em alguns casos recorre-se a critérios puramente morfológicos, agrupando-se na classe de advérbios todas as palavras derivadas com o sufixo *-mente*.

Um outro critério importante prende-se com elementos de sintaxe mais restrita, que passam pelo tipo de distribuição dos advérbios e pela relação sintáctica do advérbio com o verbo, com adjectivos ou com outros advérbios. Todavia, há uma série de elementos tradicionalmente classificados como advérbios, que não são contemplados por nenhuma destas classificações.

Distanciando-me destas propostas de classificação, interessa-me reflectir acerca da diversidade de ocorrências dos advérbios na frase, ou seja a sua distribuição sintáctica. Atendendo a factores como o grau de integração do advérbio na frase e alcance do mesmo relativamente aos outros elementos com os quais co-ocorre, deixo já de lado um tratamento de cariz pragmático dos advérbios, analisados em discursos concretos.

O objecto de análise deste trabalho é a sintaxe das construções em que ocorrem os **advérbios de modo** do tipo:

- (1) Lamentavelmente, tu não falas alemão.
- (2) O aluno estudou atentamente a lição.
- (3) O João comporta-se mal nas aulas.

Como já disse anteriormente, nesta dissertação, distanciar-me-ei de uma classificação dos advérbios assente em critérios unicamente nocionais. Em alternativa, é pela intervenção da incidência adverbial na frase e pelo efeito de sentido no qual o advérbio participa que se hão-de justificar as diversas ocorrências dos advérbios. Torna-se, por isso, pertinente procurar testes sintácticos que possam mostrar o comportamento dos advérbios das diferentes classes.

1.1. Propriedades sintáctico-semânticas gerais que apontam para a existência de duas classes de advérbios: advérbios frásicos e advérbios de SV

Sendo o objecto de análise desta dissertação os advérbios de modo que ocorrem nos exemplo (1), (2) e (3) interessa começar por reflectir àcerca da diversidade de ocorrências dos advérbios referidos nas frases, decorrentes das suas propriedades sintáctico-semânticas.¹

1.1.1. Mobilidade:

Uma das propriedades sintácticas mais características de certos advérbios é a sua mobilidade, ao contrário das demais categorias lexicais.

Os advérbios do tipo de (4) e de (5) gozam de uma grande mobilidade na frase:

- (4)=(1)
- a) **Lamentavelmente**, tu não falas alemão.
 - b) Tu não falas alemão, **lamentavelmente**.
 - c) Tu, **lamentavelmente**, não falas alemão.

¹ Para alguns dos testes utilizados a seguir, ver HERNANZ e BRUCART(1987), Cap.6.

d) Tu não falas, **lamentavelmente**, alemão.

(5) = (2)

a) **Atentamente**, o aluno estudou a lição.

b) O aluno estudou **atentamente** a lição.

c) O aluno estudou a lição **atentamente**.

d) O aluno, **atentamente**, estudou a lição.

(4) e (5) contrastam com o carácter predominantemente agramatical de (6) a) a c):

(6) = (3)

a) * **Mal**, o João comporta-se nas aulas.

b) * O João, **mal**, comporta-se nas aulas.

c) * O João comporta-se nas aulas, **mal**.

d) O João comporta-se **mal** nas aulas.

É importante notar, desde já, que nas diversas posições frásicas dos advérbios, nomeadamente dos advérbios de (4) e (5) **lamentavelmente** e **atentamente**, existe uma interacção entre a distribuição e a interpretação, interacção essa realçada pela existência, nalguns casos, de marcadores prosódicos - pausas, marcadas na escrita por vírgulas, e noutros casos pela não necessidade desses marcadores. (Mais à frente voltarei a este assunto).

Retomando a noção de mobilidade dos advérbios na frase, importa ainda reter as seguintes ideias:

Podemos notar que para **lamentavelmente** a posição imediatamente anterior à frase parece ser a preferencial,

sendo, no entanto, também possíveis quer a ocorrência em posição final, quer a ocorrência numa posição imediatamente anterior ou posterior ao verbo.²

Pelo exemplo apresentado em (5), verificamos que estes advérbios podem também ocorrer em mais do que uma posição: imediatamente a seguir ao verbo, em posição final depois de outros complementos, em posição de início de frase e ainda em posição imediatamente anterior ao verbo. Mas este tipo de relação sintáctico-semântica com o verbo é diferente da do advérbio de (4), como veremos adiante. Por outro lado, parece haver diferentes interpretações relacionadas com as diferentes posições.

Por último, relativamente ao caso de (6) podemos constatar que a posição imediatamente a seguir ao verbo parece ser única para este tipo de advérbios, uma vez que a mobilidade constitui factor de agramaticalidade em todos os outros casos ³.

Podemos concluir desta apresentação que a mobilidade do advérbio não é uma propriedade sintáctica constante para todos os advérbios. É por essa razão que as frases de (4) contrastam com as ocorrências dos restantes exemplos referidos, uma vez que essa mobilidade não acarreta nem mudanças de sentido como em (5), nem é fonte de agramaticalidade, como em (6) a), b) ou c).

² Se a frase tiver um verbo auxiliar, podemos também propor uma posição medial. Por exemplo: A Maria tem, realmente, sido prestável.

³ É sempre possível uma posição de foco contrastivo; sobre esse assunto ver Capítulo III.

Vejamos, agora, como os referidos advérbios, mencionados em (4), (5) e (6), têm comportamentos distintos face aos seguintes testes:

- 1.1.2 Interrogação;
- 1.1.3. Extracção em frase clivada;
- 1.1.4. Negação;
- 1.1.5. Foco - marcado por só/somente.

1.1.2. Interrogação:

Pela aplicação deste teste podemos chegar a resultados diferentes, mediante o tipo de interrogativas que usarmos.

Por uma lado, somente os advérbios de (4) admitem constituir resposta isolada a interrogativas totais:

(7) Então tu não sabes falar alemão?

Lamentavelmente.

(8) Então o aluno estudou a lição?

* Atentamente.

(9) Então o João comporta-se nas aulas?

* Mal.

Por seu turno, apenas os advérbios de (5) e (6) admitem ser resposta a interrogativas parciais:

(10) Como falas alemão?

* Lamentavelmente.

(11) Como estudou o aluno a lição?

Atentamente.

(12) Como se comporta o João nas aulas?

Mal.

Verificamos, então, que os advérbios de (5) e (6), sendo uma resposta válida a perguntas de Como...?, mantêm uma relação forte entre o verbo da frase e o elemento que é resposta - o advérbio. Na realidade, parecem comportar-se como advérbios não frásicos. É de salientar que este tipo de questões pode já indiciar que estes advérbios ocorrem muito ligados ao verbo que os escolhe.

Por sua vez o advérbio de (4) não pode constituir resposta a este tipo de questões, pois reporta-se a um âmbito mais alargado do que o simples modo implícito na questão de Como...?, parecendo, portanto, comportar-se como advérbio frásico.

1.1.3. Extracção em frase clivada:

Sendo uma frase clivada uma construção de contraste, de focalização das suas componentes, é possível focalizar os

advérbios não frásicos, mas não os frásicos. É o que acontece respectivamente em (13) - (15):

(13) Foi **atentamente** que o aluno estudou a lição.

(14) É **mal** que o João se comporta nas aulas.

(15) * É **lamentavelmente** que eu não sei falar alemão.

1.1.4. Negação:

A negação de (1), (2) e (3) resulta nos seguintes exemplos:

(16) **Lamentavelmente**, tu não falas alemão.

(17) O aluno não estudou **atentamente** a lição.

(18) O João não se comporta **mal** nas aulas.

Sabendo que a negação, quando aplicada a uma frase, tem potencialmente como o seu escopo a estrutura predicativa, podemos concluir que em (17) e (18), os advérbios estando sob o escopo da negação são advérbios "internos" a SV, enquanto que em (16) o advérbio se encontra fora do escopo da negação, logo, acentua-se o seu carácter de advérbio frásico.

A aplicação do mesmo teste às três frases (16), (17) e (18) conduz a implicações distintas nas três. Em (16) o que é negado é o próprio conteúdo predicativo da oração, a proposição. Em relação a (17) e (18), por sua vez, o que se

nega é aquele modo de estudar e de se comportar. Por exemplo, no que diz respeito a (17) podemos dizer que o aluno estudou atabalhoadamente/rapidamente a lição, mas não atentamente. Em (18) podemos inferir, por exemplo, que o João se comporta bem nas aulas.

1.1.5. Foco - marcado por só/somente:

Aplicando o teste às frases que temos vindo a analisar, obtemos as seguintes ocorrências:

(19) * Tu só falas alemão lamentavelmente.

(20) O aluno só estudou atentamente a lição.

(21) O João só se comporta mal nas aulas.

O que podemos constatar é que o advérbio frásico não se pode encontrar na posição de foco, marcado por só. O comportamento deste advérbio face a este teste, em confronto com os advérbios contidos em (20) e (21) demonstra, mais uma vez, que o advérbio frásico está fora do domínio do SV, vindo corroborar a oposição frásico/não frásico.

1.1.6. Co-ocorrência de advérbios:

Parece importante reflectir àcerca das possibilidades de co-ocorrência deste tipo de advérbios. A possibilidade de co-ocorrência de advérbios frásicos com advérbios de outras classes é uma realidade recíproca, isto é, se dissermos que os advérbios frásicos podem co-ocorrer com os advérbios de SV, o contrário é também correcto. Mas, na realidade, o que (22) e (23) exemplificam é que os advérbios de SV estabelecem entre si relações, cuja natureza não interessa por agora explicar, que os tornam mais ligados entre si, concedendo maior grau de liberdade de ocorrência ao advérbio externo a SV e conferindo-lhes também maior poder de combinação com as outras classes de advérbios:

(22) Felizmente, o aluno estudou atentamente a lição.

(23) Felizmente, o aluno estudou rápida e atentamente a lição.

(24) a) * Provável e lamentavelmente, tu não falas alemão.

b) ? Lamentável e incrivelmente, tu não falas alemão.

Sobre a combinação de advérbios convém esclarecer uma situação frequente quando há coordenação dos mesmos. Como

(23) ilustra, a coordenação dos advérbios, reforçada pelo facto de só o último ter o sufixo **-mente**, é possível com os advérbios não frásicos (cf. exemplo (23)), mas é mais difícil com advérbios frásicos (Cf. exemplos (24) a) e b)). Mas em ambos os casos há limitações sintáctico-semânticas à coordenação que mais tarde irei explorar.

O que a coordenação implica, todavia, é que só se coordenem itens da mesma classe ou subclasse, tornando agramaticais frases como (25):

(25) * O aluno estudou **atenta** e **felizmente** a lição.

Uma vez que vamos analisar cada tipo de advérbios separadamente, enunciarei sumariamente as características das grandes classes a partir dos testes realizados.

Entre outros, os processos utilizados provam a posição periférica dos **advérbios frásicos** na oração, numa fraca relação sintáctico-semântica com o verbo. Assim, qualquer advérbio frásico deve verificar as seguintes propriedades:

- a possibilidade de figurar fora do escopo da negação;
- a impossibilidade de extracção numa frase clivada;
- a impossibilidade de constituir resposta a uma frase interrogativa parcial, mas a possibilidade de ser resposta a uma interrogativa total.

Podemos concluir que, **apesar do valor dos advérbios frásicos se aplicar à frase no seu todo, estes não se incluem**

no conteúdo proposicional por ela expresso, mas operam sobre ele ou sobre a asserção de que é objecto.

Atentemos agora no comportamento dos advérbios de SV exemplificado pelos exemplos (8), (9), (11), (12), (13), (14), (17), (18) dos testes anteriores. Estes advérbios estão, como vimos, integrados na proposição, mas, por oposição aos advérbios frásicos, definem-se por verificarem as seguintes propriedades, generalizadas também a partir dos testes anteriormente apresentados:

- em presença da negação ficam sob o escopo desta;
- em frase clivada são passíveis de focalização;
- podem constituir resposta a frases interrogativas parciais.

Pela observação das propriedades enunciadas, os advérbios de SV apresentam um estatuto diferente dos frásicos: fazem parte da proposição (é o que se pode deduzir do seu comportamento numa frase negativa, ao ficarem sob o escopo da negação) mantendo um certo grau de relação com o verbo, (é o que se pode deduzir do seu comportamento numa frase clivada e da possibilidade de serem resposta a interrogativas parciais).

Mas será que os advérbios que temos vindo a considerar não frásicos (de SV) são todos do mesmo tipo e têm todas as mesmas propriedades?

Uma conclusão precipitada acerca das ocorrências dos advérbios não frásicos poderia levar-nos a concluir que se

trata de uma só classe de advérbios. No entanto, vejamos o que acontece em relação a outro teste - o da supressão.

1.1.7. Supressão:

A agramaticalidade de (26) e (27) relativamente à frase bem formada de (28) e (29) é bastante significativa:

(26) * O João comporta-se nas aulas.

(27) * Aquela actriz veste.

(28) O aluno estudou (atentamente) a lição.

(29) O Pedro resolveu (astutamente) o problema.

O que acontece é que, na realidade, as frases (26) e (27) não têm sentido algum se o advérbio for suprimido, o que demonstra que este é, de certa forma, responsável pela construção de sentido nestas frases, bem como em outras frases onde ocorra. Enquanto que em (28) e (29), os advérbios podem ser suprimidos, sendo a frase resultante uma frase bem formada sintacticamente, com valor semântico completo.

Logo, uma única propriedade é suficiente para a distinção entre dois tipos de advérbios de SV:

- possibilidade/impossibilidade de serem suprimidos.

Na realidade o que podemos concluir é que, no caso dos advérbios do tipo **mal** (em "comportar-se mal") e **bem** (em "vestir bem"), se trata de advérbios que tudo indica serem seleccionados pelo verbo, isto é, é o próprio verbo que

determina a ocorrência do advérbio. Enquanto que em (28) e (29), os advérbios embora não frásicos e de algum modo "internos" a SV, não parecem ser seleccionados pelo verbo. Para distinguir os primeiros dos segundos designaremos provisoriamente os primeiros de advérbios "subcategorizados" pelo verbo e os segundos por advérbios "adjuntos a SV".

Em conclusão: de uma forma simplificada e minimamente estruturada, procurei dar conta neste primeiro capítulo, de evidências sintácticas que nos deixam admitir a existência das três classes sintácticas de advérbios, mesmo sendo forçoso admitir que este procedimento não é, de forma alguma, exaustivo. Assim, pelo que ficou dito, podemos falar de advérbios frásicos e de advérbios de SV, sendo estes últimos ou adjuntos a SV ou seleccionados pelo Verbo, em consequência do maior ou menor grau de integração na frase e incidência de sentido sobre a mesma.

1.2 Apresentação / explicitação de advérbios pertencentes às duas grandes classes

Seria importante, antes de avançar, esclarecer quais os advérbios que estão agrupados sob cada uma das designações que anteriormente propusemos.

1.2.1. Advérbios frásicos

Sobre alguns dos comportamentos sintácticos desta classe de advérbios já reflecti anteriormente. O que foi levado em consideração, então, para a classificação feita foram algumas das suas propriedades sintácticas. Apresentarei, agora, a partir de critérios semânticos, algumas das palavras pertencentes a cada subclasse⁴, sugeridas pelas leituras de Jackendoff(72), Casteleiro(82), Molinier(90), Frota(92) e Vilela(94).

Tem sido defendido na bibliografia que os advérbios frásicos se distribuem por duas grandes subclasses: os advérbios frásicos "orientados para o falante" ("speaker oriented") e os advérbios frásicos "orientados para o sujeito" ("subject oriented").

Atentemos nos advérbios englobados sob a designação de "orientados para o falante".

Como a própria designação deixa antever, este tipo de advérbios surge na frase como veículo da maneira de sentir ou de ver do sujeito falante relativamente à proposição contida na oração.

Mas, como veremos, a própria noção de maneira de sentir ou de ver do falante relativamente à proposição envolve diferentes valores.

Vejamos os seguintes exemplos:

⁴ Neste conjunto contemplam-se muitos dos "advérbios de modo" considerados pela Gramática Tradicional (Cf. Cunha, C e Cintra, L. (84), pp.539)

(30) Aparentemente, o problema tem solução.

(31) Tecnicamente, o problema tem solução.

Ambos são advérbios frásicos "orientados para o falante", mas enquanto a frase (30) inclui um advérbio que constitui uma apreciação pessoal sobre aquilo que é afirmado, de certa forma modalizando-a, a frase (31) apresenta a asserção circunscrita a um certo sector. Assim, podemos subdividir a subclasse de advérbios frásicos orientados para o falante em: a) advérbios **modalizantes** e b) advérbios **delimitadores**.

a) advérbios modalizantes:

Esta subclasse, ligada às noções de modalização e apreciação da asserção em função de crenças e expectativas do sujeito falante, reagrupa, entre outras, as seguintes formas:

possivelmente	provavelmente
felizmente	francamente
inexplicavelmente	lamentavelmente
sinceramente	efectivamente
incontestavelmente	difícilmente
evidentemente	forçosamente
curiosamente	realmente

b) advérbios delimitadores:

Esta subclasse, por sua vez ligada a domínios sectoriais ou à noção de aspecto, inclui, entre outros, os seguintes advérbios:

praticamente	humanamente
simplesmente	concretamente
fisicamente	intelectualmente
objectivamente	geralmente
diariamente	habitualmente
usualmente	ultimamente

Consideremos as seguintes frases exemplificativas de ocorrências de advérbios frásicos "orientados para o falante":

- (32) a) **Felizmente**, o Luís deixou de fumar.
b) O Luís, **felizmente**, deixou de fumar.
c) O Luís deixou, **felizmente**, de fumar.
d) O Luís deixou de fumar, **felizmente**.
- (33) a) **Tecnicamente**, a Sofia é boa atleta.
b) A Sofia, **tecnicamente**, é boa atleta.
c) A Sofia é, **tecnicamente**, boa atleta.

d) A Sofia é boa atleta, **tecnicamente**.

Como podemos constatar a partir das ocorrências dos advérbios frásicos nas frases de (32) e (33), respectivamente modalizante e delimitador, a distribuição dos advérbios parece ser bastante regular, salientando-se duas características que se tornam pertinentes: o advérbio parece não alterar a sua significação nas diferentes posições, e a sua ocorrência é sempre acompanhada de pausas.

Aliás, como constata Frota(92), há uma forte relação entre a distribuição deste tipo de advérbios e a marcação prosódica. Segundo a referida autora, um advérbio com leitura de modificador "orientado para o falante", é sempre prosodicamente marcado em qualquer posição da frase.

Ainda no domínio dos advérbios frásicos é possível estabelecer, como ficou referido atrás, uma outra subclasse: a dos advérbios frásicos "orientados para o sujeito" frásico.

Desta feita, nesta subclasse de advérbios, o que vamos encontrar são advérbios de atitude que se orientam para o sujeito da proposição. Vejamos o exemplo:

(34) **Prudentemente**, o Paulo recusou o convite.

Na sua ocorrência, estes advérbios relacionam-se com toda a proposição, por isso são frásicos, mas focalizam o seu valor semântico no modo atitudinal do sujeito frásico ou na atitude como o sujeito da acção encara o conteúdo

predicativo, parafraseando (34) obtemos a seguinte frase: O Paulo, de uma maneira prudente, recusou o convite. Por isso, como veremos no Capítulo III, estes advérbios tocam muito de perto os chamados "manner adverbs", mais ligados ao verbo do que a toda a proposição, nomeadamente se ocorrerem noutras posições, como veremos no ponto 2.1. do segundo capítulo.

Nesta subclasse de advérbios, podemos encontrar, além do advérbio exemplificado, as seguintes formas:

astutamente	audaciosamente
cuidadosamente	estupidamente
melancolicamente	deliberadamente
inteligentemente	atentamente
propositadamente	inadvertidamente

No entanto, como alerta Hernanz e Brucart (87), pp.275, há interpretações diferentes para alguns dos advérbios integrados neste grupo. Assim:

(35) **Deliberadamente**, o João limpou o carro no jardim.

(ex. dos autores, pp. 275)

só pode ter como interpretação a frase indicada em (36), onde o advérbio refere a atitude do agente e não o modo como se leva a cabo a acção verbal:

(36) O João actuou **deliberadamente** ao limpar o carro no jardim.

Noutros exemplos, porém, as alternâncias de posição e de marcação acarretam diferenças significativas. Tomem-se as seguintes frases:

(37) **Felizmente**, tudo acabou.

(38) Tudo acabou, **felizmente**.

(39) Tudo acabou **felizmente**.

Em (37) e (38) vimos que a marcação da pausa permite uma leitura do advérbio como sendo de apreciação pessoal sobre a asserção proferida, sendo o advérbio comumente designado como "dirigido para o falante". Por sua vez, em (39), a ausência da pausa favorece a leitura do advérbio como sendo modificador do verbo, com leitura de modo/maneira, e permitindo uma paráfrase do tipo

(40) Tudo acabou **bem** / em **bem**.

Ressalve-se que, quando o contexto favorece que o mesmo advérbio se interprete ora como frásico, ora como não frásico, o critério inequívoco para distinguir estas duas possibilidades é a independência prosódica dos advérbios relativamente à frase, marcada pelas pausas.

Na bibliografia sobre este assunto, Jackendoff(72) representou um grande avanço na descrição das ocorrências dos advérbios em Inglês e nas implicações de sentido provocadas pela ocorrência do mesmo advérbio em posições diferentes. De certa forma o autor pôs em evidência a relação entre a ordem de palavras e o efeito de sentido daí resultante, evidência que pretendemos explorar para o Português. Os advérbios que considerámos frásicos nesta secção englobam as classes II, III e IV estabelecidas por Jackendoff(72) para diferentes posições na frase do advérbio em Inglês, mas que, como vimos, correspondem aos advérbios que podem ocorrer em todas as posições em Português. A classe I de advérbios proposta por Jackendoff engloba os advérbios que designámos por advérbios frásicos "orientados para o sujeito" que, ao ocorrerem em posições distintas, mudam o seu sentido, como veremos adiante.

O que podemos concluir de tudo o que foi exposto é que há um conjunto de factores que se inter-relacionam para que possamos atribuir a designação de advérbio frásico "orientado para o falante" ou "orientado para o sujeito" frásico. Esses factores são a posição do advérbio na frase, a existência de marcação prosódica e a não alteração da interpretação. Todas as questões ligadas à inter-relação destes factores serão discutidas no Capítulo II.

1.2.2. Advérbios de SV: "adjuntos" e "subcategorizados"

As classes semânticas tradicionalmente apontadas para o advérbio incluem a maior parte dos advérbios não frásicos, ou seja, de SV. Nessa classe destacam-se, obviamente, os advérbios de modo.

Ao contrário do que foi apontado para os advérbios frásicos, nesta subclasse de advérbios distinguem-se dois tipos que resultam de diferentes características sintáticas. Como já demonstrámos pelos testes apresentados no ponto 2. deste capítulo, podemos falar de advérbios "adjuntos" a SV e de advérbios "subcategorizados" pelo verbo.

Vejamos os seguintes exemplos:

(41) O aluno leu **horriavelmente** o texto.

(42) O aluno comportou-se **horriavelmente** nas aulas.

Como constatámos, o advérbio de modo acrescenta uma informação de modo/maneira à predicação contida no SV. A paráfrase "de um modo/maneira+adj." consegue dar, em geral, conta deste tipo de advérbios⁵:

Os "manner adverbs", designação frequente na bibliografia e que resolve a ambiguidade da palavra "modo" em

⁵ Esta generalização parece um pouco excessiva. Repare-se nos casos de advérbios de tipo aspectual como **depressa**, **devagar**, onde a paráfrase só é possível com "de modo rápido", "de modo lento". E nos casos de **bem** e **mal**, que enquanto advérbios de modo/maneira têm a paráfrase "de modo positivo", "de modo negativo".

Portugês, incluem, entre muitos outros, os seguintes advérbios:

pausadamente	arduamente
rapidamente	directamente
preciosamente	lindamente
divinamente	atentamente
violentamente	horriavelmente
fluentemente	pessimamente
depressa	devagar
bem	mal

O comportamento sintáctico destes advérbios já foi explorado em 1.1. e, já na altura, apontámos a existência de dois tipos diferentes de advérbios de SV, existindo alguns deles que se podem incluir nas duas subclasses.

Relembremos esse duplo comportamento pelos seguintes exemplos:

(41) O aluno leu **horriavelmente** o texto.

vs

(43) O aluno leu o texto.

(42) O aluno comportou-se **horriavelmente** nas aulas.

vs

(44) * O aluno comportou-se nas aulas.

Como (41)-(43) e (42)-(44) mostram, o mesmo advérbio, com a mesma leitura, ao ocorrer em contextos sintácticos diferentes desempenha funções diferentes. Em (41) pode ser suprimido (daí a gramaticalidade de (43)), pois só acrescenta ao verbo a informação de modo sobre a acção realizada: em (42) não pode ser suprimido (daí a agramaticalidade de (44)), uma vez que completa a significação própria do verbo. O factor que condiciona altamente estas ocorrências é o verbo. Este assunto será desenvolvido no Capítulo III.

Em tudo o que ficou dito é possível ver que a ocorrência destes advérbios de modo está circunscrita à posição pós-verbal, imediatamente a seguir ao verbo ou depois de outros complementos.

Relativamente ao Inglês, Jackendoff(72) estabeleceu uma classe de advérbios (a classe V) para aqueles que só poderiam ocorrer em posição final e que corresponderia, pelas características que enunciámos, a muitos advérbios que estamos a designar por "subcategorizados". Porém, a partição dos advérbios nas classes propostas por Jackendoff não é muito útil para o Português, pelas razões de ambiguidade que já apontámos.

Em resumo: neste capítulo tentámos organizar os advérbios tradicionalmente ditos de "modo" em dois grandes grupos: os **advérbios frásicos** e os **advérbios de SV**.

Nos advérbios frásicos distinguimos duas subclasses semânticas: advérbios "**orientados para o falante**" e advérbios

"orientados para o sujeito". Vimos que para esta classe de advérbios eram fundamentais dois elementos: a ocorrência em lugares distintos na frase não acarreta mudança de sentido; um advérbio frásico é sempre acompanhado de marcação prosódica.

Nos advérbios internos a SV distinguimos sintacticamente dois tipos diferentes. Os advérbios de modo que **acrescentam uma informação** de modo/maneira à predicação verbal e que provisoriamente designámos por adjuntos a SV e os advérbios de modo que **completam a significação** intrínseca do verbo, a que chamámos subcategorizados.⁶

⁶ A proposta aqui feita não difere muito das análises de Jackendoff(72), Hernanz e Brucart(87), Ilari(90) e Vilela(94), nas quais se estabelecem três classes de advérbios, do ponto de vista sintáctico:

- advérbios seleccionados por verbos;
- advérbios adjuntos a SV;
- advérbios frásicos.

Para o Português, Vilela(94) estabelece um quadro para os adverbiais, contemplando (i) complementos de frase ou adverbiais frásicos modais; (ii) a) circunstantes de frase e b) circunstantes do nó actancial.

2.1. Problemas de distribuição, interpretação e marcação prosódica

O tratamento sintáctico dos advérbios na frase merece uma reflexão atenta; neste capítulo pretende-se dar conta de algumas ideias centrais para a análise dos advérbios frásicos.

Vimos no Capítulo I quais as propriedades distintivas de determinados advérbios que nos permitiram propor a existência de uma classe de advérbios frásicos:

- a) os advérbios frásicos podem ocorrer em diferentes posições, sem que isso acarrete a alteração do seu sentido;
- b) este tipo de advérbios é prosodicamente marcado, o que significa que se comportam como elementos periféricos;
- c) sendo advérbios frásicos, são sintacticamente externos a SV.

Propriedades essas que estão exemplificadas nas seguintes ocorrências de um advérbio frásico "orientado para o falante":

- (45) a) **Provavelmente**, o João vai ao cinema.
- b) O João vai ao cinema, **provavelmente**.

- c) O João, **provavelmente**, vai ao cinema.
- d) O João vai, **provavelmente**, ao cinema.

Vimos que os advérbios frásicos contemplam também advérbios "orientados para o sujeito". Como veremos a partir dos exemplos seguintes, quando em posição pré-frásica ou pré-verbal, desde que marcada prosodicamente, a leitura destes advérbios é análoga à dos advérbios frásicos "orientados para o falante". Todavia, se a ocorrência for pós-verbal e se não houver marcação prosódica essa leitura altera-se.

Atentemos nas seguintes frases:

- (46) a) **Astutamente** o João resolveu o problema.
- b) O João, **astutamente**, resolveu o problema.
- c) O João resolveu **astutamente** o problema.
- d) O João resolveu o problema **astutamente**.

A mobilidade do advérbio, associada à marcação diferenciada estabelecida pelos marcadores prosódicos, faz com que as leituras do advérbio **astutamente**, em (46) possam ser as seguintes:

- a) Ambíguo entre a leitura de "orientado para o sujeito" e a leitura de modo;
- b) "Orientado para o sujeito";
- c) Modo/maneira
- d) Modo/maneira

Na verdade, o que constatamos é que a alternância de posição e a ausência de marcação prosódica acarreta alteração do sentido do advérbio. Nas ocorrências de a) e b) **astutamente** é interpretado como um advérbio frásico "orientado para o sujeito", podendo ser ambígua essa leitura em a); Quanto a c) e d) não têm marcação de pausas e a leitura do advérbio é de modo/maneira, tratando-se já provavelmente de um advérbio de SV, apontando mais para a acção verbal.

Na realidade, os advérbios desta classe quando assumem a orientação para o sujeito, confinam com os advérbios de modo/maneira. Esta fronteira, não muito nítida, das subclasses dos advérbios, origina leituras diversificadas para o mesmo advérbio, acepções essas só resolúveis a partir dos ambientes sintácticos em que ocorrem⁷.

Um advérbio com leitura de modo é, em geral, não prosodicamente marcado; só é prosodicamente marcado se ocorrer numa posição pré-verbal (veja-se (46) a) e b)), uma vez que são as posições pré-frásica e entre SN_{Suj} e SV as preferenciais para os advérbios frásicos. A marcação prosódica favorece como vimos a leitura de advérbio frásico (Cf. Frota(92)).

Podemos, por isso, generalizar e propor que **alguns advérbios de modo/maneira podem ocorrer numa posição que não coincide com o seu escopo (SV), somente se forem**

⁷ A ambiguidade de a) seria eliminada se este advérbio, nesta posição, ocorresse com marcação prosódica. A leitura do advérbio seria, então, a de advérbio frásico "orientado para o sujeito".

prosodicamente marcados; tocando, por isso, a classe dos advérbios frásicos "orientados para o Sujeito".

Assim, nestas ocorrências, constatamos a intervenção do nível prosódico na interação entre a distribuição dos advérbios e a sua interpretação/expressão. A alternância de sentido parece, portanto, estar dependente da estrutura sintáctica subjacente, indiciada não só pela posição dos advérbios, mas também pela existência de marcadores prosódicos (neste sentido ver Frota(92)).

2.2. Análise sintáctica dos advérbios frásicos

2.2.1. Os advérbios frásicos como adjuntos

Os advérbios frásicos são usualmente considerados como elementos que ocupam posições de adjunção (Jackendoff(72), Casteleiro(83), Belletti(90), Ambar(90))⁸.

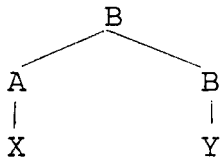
Por estruturas de adjunção entende-se uma configuração básica (não derivada) ou resultante de movimento (derivada), em que se constitui uma nova categoria que domina a categoria movida, bem como a que é alvo da adjunção, sendo a nova categoria obtida da mesma natureza daquela em relação à qual se provoca a adjunção.

⁸ Alguns princípios da Teoria X-Barra não apresentados neste capítulo, bem como outras questões formais, serão retomados no Capítulo III.

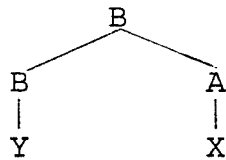
Em termos de Teoria X-Barra, a adjunção corresponde a configurações como as seguintes: em a) adjunção de A à esquerda de B, e em b) de A à direita de B:

(47)

a)



b)



A dimensão estrutural destas posições tem repercussões a nível semântico, pois os adjuntos são concebidos como modificadores dos constituintes aos quais se reportam.

Coloca-se, então, a questão de saber onde são engendrados os advérbios e, admitindo a ideia da adjunção, a que categoria ela se aplica.

Partindo do pressuposto de que um adjunto é um modificador da categoria à qual se reporta, vamos propor que os advérbios frásicos, na sua posição preferencial, a posição pré-frásica, sejam uma adjunção a F (SAC, como veremos).

Outras ocorrências vêm corroborar a ideia de que, para este tipo de advérbios frásicos, além do carácter acentuadamente "marginal", a posição em início de frase é a preferencial, sendo o seu escopo a oração na sua totalidade.

Vejamos as seguintes concorrências:

(48) **Lamentavelmente**, eu não sei falar alemão.

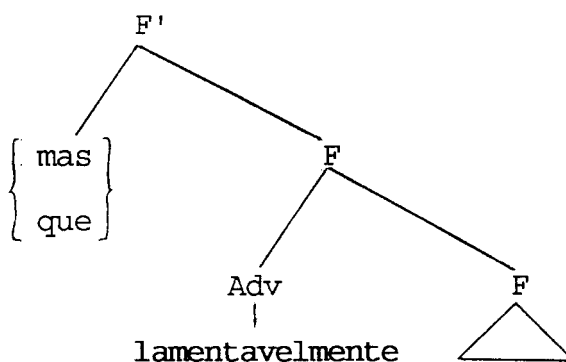
(49) Eu resolveria essa questão mas, lamentavelmente,
não sei falar alemão.

(50) Eu respondi-lhe que, lamentavelmente, não falava
alemão.

O que constatamos é que estes advérbios, quando integrados em frases complexas, mantêm as suas propriedades: assim, em (49) o advérbio vem a seguir ao conector frásico, neste caso a conjunção, mas antes da segunda F, continuando acompanhado por pausas. O mesmo se passa com (50), que contempla um complementador que, ao qual se segue o advérbio frásico.

Estes dois exemplos mostram que estes advérbios se situam como adjuntos a F, entre as categorias tradicionalmente designadas por F' e F (Cf.(51)), posição essa a estudar com mais detalhe mais adiante:

(51)



Assim, a adjunção a F à esquerda dá conta da posição do advérbio em início de frase (por exemplo (45) a), (46) a),

(48), (49) e (50)) e por sua vez a adjunção a F à direita dá conta das ocorrências do advérbio frásico em final de frase (como em (45) b))⁹.

Mas a existência de mais padrões de ordem dos que os previstos acima faz pensar que o problema é mais complicado e que a categoria F deve ser analisada em mais do que uma categoria funcional. Vamos, de seguida, discutir a natureza dessas categorias.

2.2.2. Reflexões acerca da estrutura de F e apresentação da análise de Belletti(90) para o Italiano

Uma das reflexões mais importantes, desde as primeiras investigações no âmbito da Gramática Generativa, prende-se com o facto de se ter concluído que um sistema que se regesse só por regras de tipo categorial não poderia explicar exhaustivamente as relações de dependência existentes entre diferentes constituintes de uma frase.

Assim, preconiza-se a existência de dois níveis diferentes, interdependentes, de representação de estruturas gramaticais. Para se passar de um nível ao outro, ou seja, para derivar estruturas sintácticas interpretáveis foneticamente - Estrutura-S, de estruturas sintácticas abstractas - Estrutura-P, (onde as propriedades lexicais dos vários itens

⁹ Admitimos aqui que a posição em fim de frase é mais economicamente descrita como sendo adjunção à direita de F (ou SAC como adiantaremos a seguir).

são respeitadas) o sistema introduziu um novo tipo de regra, chamada regra de movimento (Mover- α).

Em consequência da aplicação de Mover- α , há que ter em conta que do movimento das categorias resultam vestígios dessas categorias, que passam a estar co-indexados com elas e, pelo facto de deixarem de ter realização fonética, dizemos que são categorias vazias.

O fenómeno de Mover- α , em conjunto com a extensão do esquema da X-Barra às categorias funcionais, são as linhas mestras do trabalho de Belletti(90) onde se propõe uma análise dos advérbios frásicos.

A análise é feita pela interacção de duas ideias importantes. A primeira ideia é a assunção de que a variação da ordem dos advérbios resulta, em grande parte, da aplicação do movimento do verbo.

A subida do verbo tem uma motivação intrínseca. No modelo preconizado por Belletti(90), o movimento do verbo dá-se sistematicamente para uma posição mais alta para que o verbo adquira as propriedades morfológicas de Flexão (Tempo e Concordância). Porém, segundo a autora, nem todos os verbos têm necessidade de Flexão. Se, eventualmente, Flex não possuir traços a atribuir ao verbo, não se justifica o movimento (isto para os casos de verbos infinitos, por exemplo).

A segunda ideia é a adopção de estruturas frásicas mais abstractas do que as que eram geralmente assumidas por Chomsky(81); assim, os princípios da X-Barra, no início

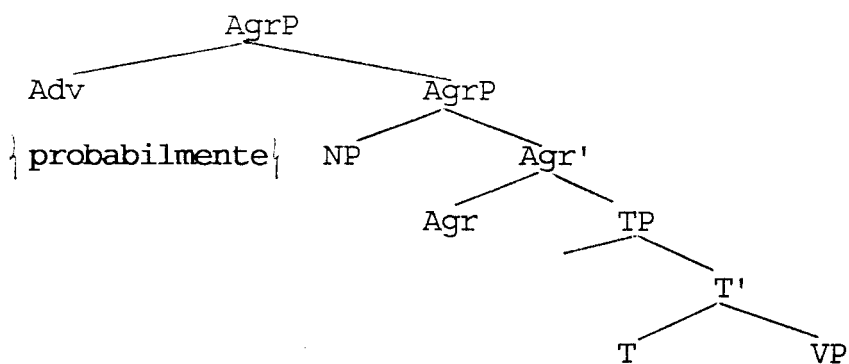
aplicáveis apenas a categorias lexicais, passam a ser assumidos para as categorias funcionais, categorias estas que são projecções máximas, obedecendo ao Princípio da Endocentricidade (uma categoria SX tem obrigatoriamente um núcleo pertencente à categoria X).

Nesta linha de ideias, Belletti defende que Flex não constitui um só núcleo funcional, mas sim está "desmembrada" em SAcordo e STempo. Isto permitirá, segundo a autora, que o verbo receba os afixos de Tempo e Acordo pelo processo de incorporação, o que alia a derivação sintáctica com modificações morfológicas. Assim, ainda segundo a autora, o primeiro movimento do verbo é para Tempo, pois esse é o afixo mais próximo do radical, e só depois se dá o movimento para Acordo, que é o último afixo da forma verbal. A presença desta ordem entre Tempo e Acordo na estrutura da frase é assunto que afasta Belletti(90) de Pollock(89). Porém, como desenvolverei mais aprofundadamente a proposta de Pollock(89) no Capítulo III, remeto para esse capítulo a comparação entre estes dois autores.

É apoiada em todos estes pressupostos que Belletti(90) faz a análise dos advérbios frásicos para o Italiano. Assim, em Estrutura-P a categoria advérbio frásico estaria adjunta à projecção máxima sobre a qual tem escopo AgrP (isto é SAC)¹⁰:

10 Por uma questão de clareza, optei nesta apresentação por fazer as representações em indicador sintagmático respeitando a terminologia de Belletti. Todavia, no meu texto recorro à terminologia em Português.

(52)



Mas, tal como em Português, em Italiano são possíveis várias posições para o advérbio *probabilmente*.

As frases em análise são as seguintes:

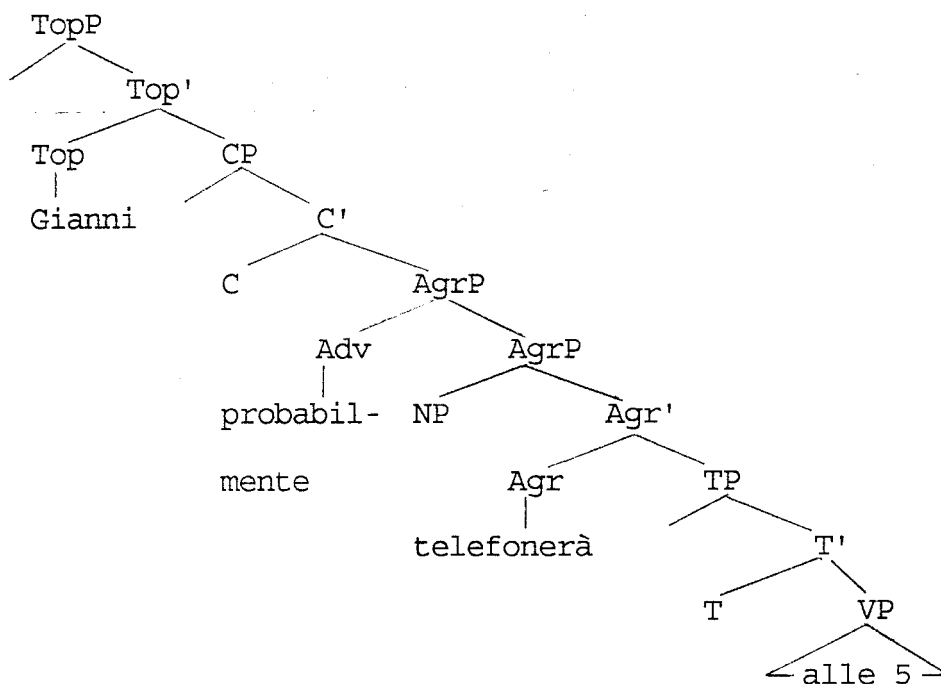
- (53) a) *Probabilmente* Gianni telefonerà alle 5.
b) Gianni *probabilmente* telefonerà alle 5.
c) Gianni telefonerà alle 5, *probabilmente*.

Para Belletti(90) é significativa a marcação estabelecida pela pausa entre o advérbio e a frase de (53) c) pelo que propõe que essa "quebra" na frase corresponda a uma estrutura derivada, do mesmo tipo da que envolve a deslocação para a direita, como em (54), mantendo-se a frase na sua posição de base e sendo deslocado o advérbio para a direita:

(54) L'ho visto ieri, Gianni.

Em relação a (53) b), considera a referida autora que estamos em presença de uma estrutura marcada em que a frase ocupa a posição "normal" e o sujeito uma posição periférica de tópico.

(55)



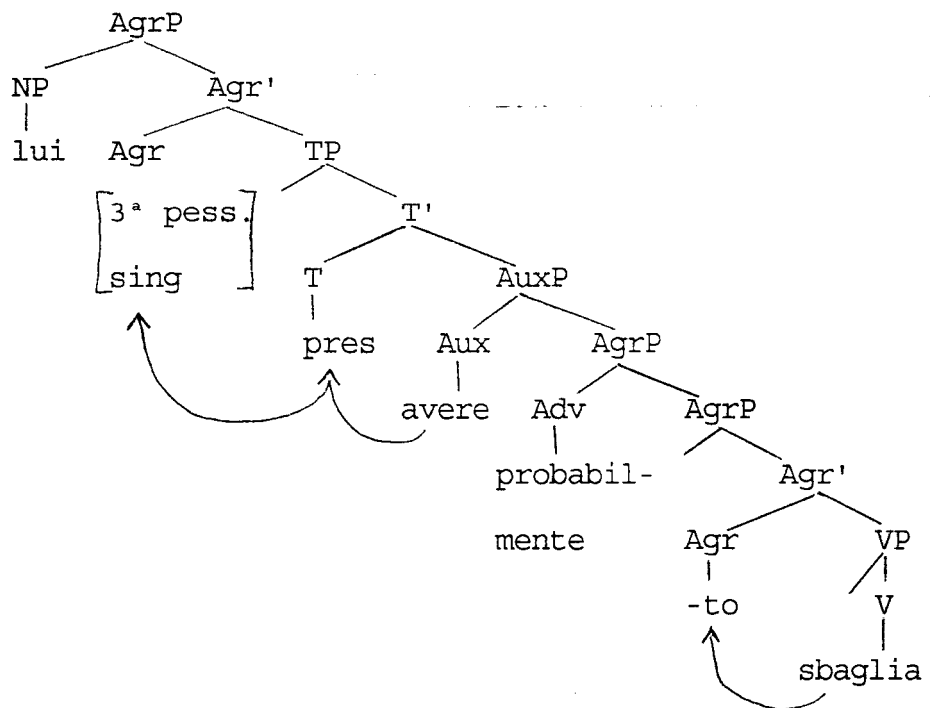
Belletti passa em seguida, para o tratamento da ocorrência dos advérbios frásicos em posição medial, mais explicitamente entre o Aux habere e o Particípio Passado dos verbos:

(56) Lui ha **probabilmente** sbagliato.

Belletti discute três hipóteses:

(i) [pp. 46-47] Uma primeira hipótese de análise passa pela aceitação da ideia de que a categoria SAc(AgrP) é recursiva e de que o advérbio de frase é um modificador da categoria Acordo:

(57)



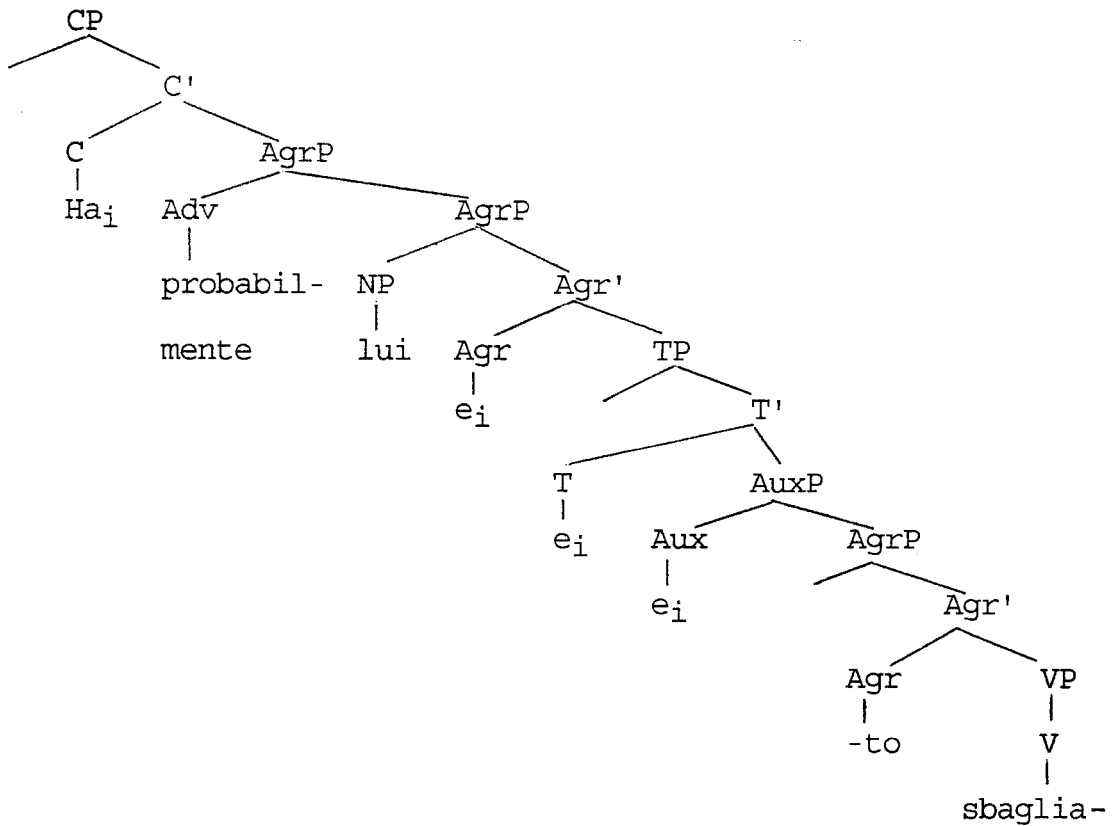
O Particípio Passado verbal seria modificado por este tipo de advérbio. Todavia, esta hipótese é rejeitada pois ocorrendo a negação. (non...più no SNeg entre SAc e ST) a ordem engendrada seria (58) a) que é agramatical, sendo a ordem gramatical a de (58) b):

(58) a) * Gianni non ha più probabilmente sbagliato.

b) Gianni non ha probabilmente più sbagliato.

(ii) [pp. 48-53] Segunda hipótese: só a posição inicial é válida para este tipo de advérbios frásicos; o auxiliar ocupa a posição Comp, por movimento (movimento núcleo a núcleo). Prevê-se que o SN ocupe o lugar de Esp de SAcordo.¹¹

(59)



No entanto, a frase resulta perfeitamente agramatical :

(60) * Ha **probabilmente** lui sbagliato.

¹¹ Sobre a posição do Sujeito voltaremos a falar no Capítulo III.

Poder-se-á atribuir a agramaticalidade, nomeadamente, à incapacidade do Auxiliar, em Comp, de atribuir caso ao Sujeito em Esp de SAcord (notando-se, no entanto, algumas excepções a este caso em construções que envolvem gerúndio ou auxiliares infinitivos) e à presença do advérbio que quebraria a adjacência necessária.

Mas estas não podem ser as únicas razões para a agramaticalidade de (60) e mesmo de uma frase idêntica sem o advérbio. De novo, se coloca a questão de saber que posição deve ocupar o Sujeito.

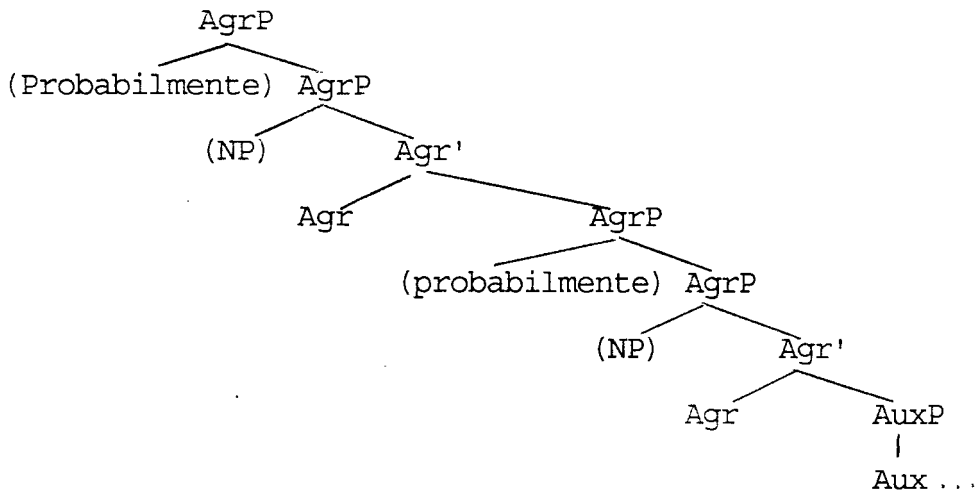
(iii) [pp. 53-56] Belletti esboça por isso uma terceira proposta. Sugere que os advérbios de frase têm, na realidade, uma posição base adicional relativamente à pré-estabelecida em posição inicial de frase. Esta posição adicional seria entre as duas primeiras categorias funcionais da frase, mas, no entanto, só funcionaria quando o auxiliar estivesse presente na estrutura da frase. Partindo da ideia de recursividade de SAcordo, o Sujeito preencheria na estrutura da frase o lugar de Esp de SAcordo mais alto e, por sua vez, o Acordo mais baixo seria preenchido pelo auxiliar movido de SAux para aquela categoria vazia. Esta proposta teria como consequência que poderiam ser obtidas duas ordens de palavras (cf. pp.56):

(61) Probabilmente SN_{suj} AUX Part. Passado.

(62) SN_{suj} AUX provavelmente Part. Passado.

Assim, Belletti propõe a seguinte estrutura:

(63)



Importa reter desta análise precisamente a terceira hipótese de Belletti: a de que existem não uma, mas mais do que uma posição disponíveis para os advérbios frásicos: uma posição de adjunção a SAc e outra mais interna. É com base nessa ideia que vamos esboçar algumas propostas sobre a sintaxe dos advérbios frásicos, embora tenhamos consciência que muitos problemas relacionados com construções frásicas mais complexas ficam por resolver.

2.3. Algumas propostas para o Português

Seguindo alguns dos pressupostos de Belletti, julgamos poder derivar estruturas semelhantes para o Português.

O ponto de partida que tomámos foi o de que os advérbios frásicos são adjuntos a mais do que uma categoria funcional ou lexical.

Uma primeira hipótese é a adjunção dos advérbios frásicos a SComp, mesmo que Comp não projecte nem núcleo nem Esp . Um argumento a favor desta hipótese é a possibilidade, em Português, de frases como (64) a) e b) (cf. Ambar(90), pp.381) onde o núcleo de Comp está projectado:

(64) a) **Felizmente** que ele vem amanhã.

b) **Evidentemente** que a Carmo gosta de cinema.

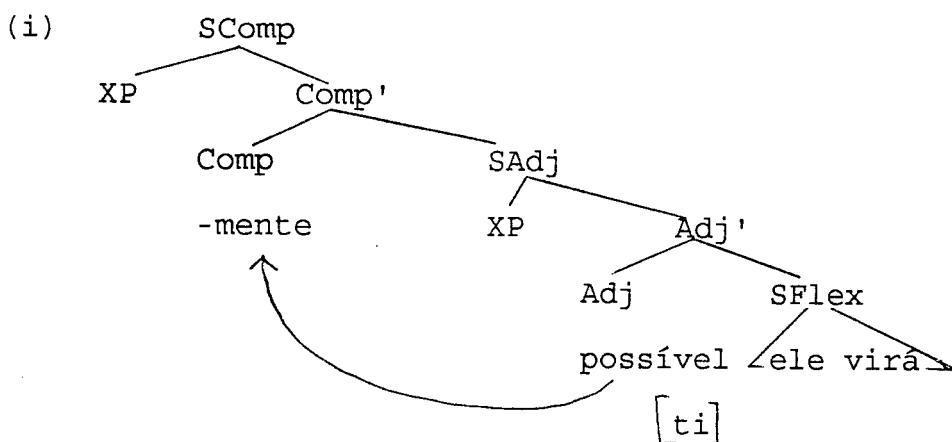
Uma vez assumida a estrutura "à Belletti", podemos manter o pressuposto de adjunção de advérbios como **felizmente**, (advérbio frásico "orientado para o falante") uma vez que se contempla o carácter "marginal" dos advérbios frásicos, quer em adjunção à esquerda de SComp, numa posição em início de frase, quer em adjunção à direita de SComp, numa posição final.

Porque não, então, seguir para este tipo de advérbios a proposta de Belletti(90) de adjunção a SAC? Na realidade "reservamos" essa posição para os advérbios frásicos "orientados para o Sujeito" e para alguns advérbios "orientados para o falante" (por exemplo os advérbios modais). Como defende Frota(92) por Acordo passam quer o sujeito frásico quer o verbo e, por consequência, um advérbio que modifique um nível como Acordo poderá oscilar entre uma leitura de "orientado para o Sujeito" e uma leitura de modo, embora na nossa opinião aponte preferencialmente para a primeira leitura.

A agramaticalidade de frases como *Provavelmente que ele vem amanhã, onde ocorre um advérbio frásico "orientado para o falante" modalizante, faz-nos pensar que será necessário prever que nestes casos estes advérbios estejam em adjunção a SAc. Assim, esta posição estrutural será preferencial para os advérbios frásicos "orientados para o Sujeito", uma vez que favorece a ambiguidade já referida, mas poderá eventualmente ser preenchida por advérbios frásicos "orientados para o falante", numa estrutura marcada¹².

A ordem de palavras de (65) e (66) é explicada por Belletti como sendo fruto de um processo de Topicalização do Sujeito:

12 Uma outra abordagem do mesmo assunto é ainda proposta por Kato e Castilho. Estes autores defendem uma ideia base que é o carácter adjectival subjacente ao advérbio. Assim, SComp seria a projecção máxima de um Adj e de um ESP constituído pelo sufixo adverbial -mente (tido como categoria funcional):



Segundo os autores, uma análise deste tipo permitiria explicar a posição do advérbio depois do sujeito pelo movimento do Sujeito para a posição de ESP de SAdj e daí para a posição de ESP de COMP (ver exemplos (65) e (66)). A posição final do advérbio seria obtida pelo movimento de SFlex em bloco para ESP de COMP.

(65) O João, **provavelmente**, vai ao cinema.

(66) O Pedro, **astutamente**, resolveu o problema.

Uma solução deste tipo permite a Belletti jogar com a posição do Sujeito. Mas esta proposta torna-se problemática para o Português, uma vez que, como aponta Rouveret(95), pp.21, na posição de Topicalização não podem estar expressões quantificadas (por exemplo, *Todos, vão ao cinema; *Ninguém, resolveu o problema). No entanto, a ordem Expr.quant. /Adv / SV em (67) e (68) é gramatical. O que mostra que esta posição medial do advérbio não pode ser explicada por Topicalização.

(67) Todos, **provavelmente**, vão ao cinema.

(68) Alguém, **astutamente**, resolveu o problema.

Esta observação de Rouveret(95) surge aliada à proposta da existência de uma categoria funcional (cuja natureza não é explicitada no seu texto), num nível mais alto da estrutura. Em Esp dessa categoria ocorreria o SN, não só com este tipo de quantificadores ((67) e (68)), mas também sujeitos não quantificados. Essa posição adicional explica a posição medial do advérbio. Assim, poderíamos propor uma terceira estrutura que daria conta das ocorrências (65) e (66). Estando o SN_{suj} numa posição de Esp dessa nova categoria, o advérbio frásico seria adjunto de uma das categorias funcionais atrás mencionadas (SAC). Esta posição estaria também tipicamente associada à leitura de "orientado para o

falante" e seria objecto de marcação, uma vez que, de todas as posições que apontámos para os advérbios frásicos a ordem mais fortemente marcada é Suj / Adv / Verbo.

O Português prevê ainda a ocorrência de advérbios frásicos numa posição medial, nomeadamente entre os auxiliares Ter e Ser e verbos principais. Vejamos, por exemplo, as seguintes ocorrências:

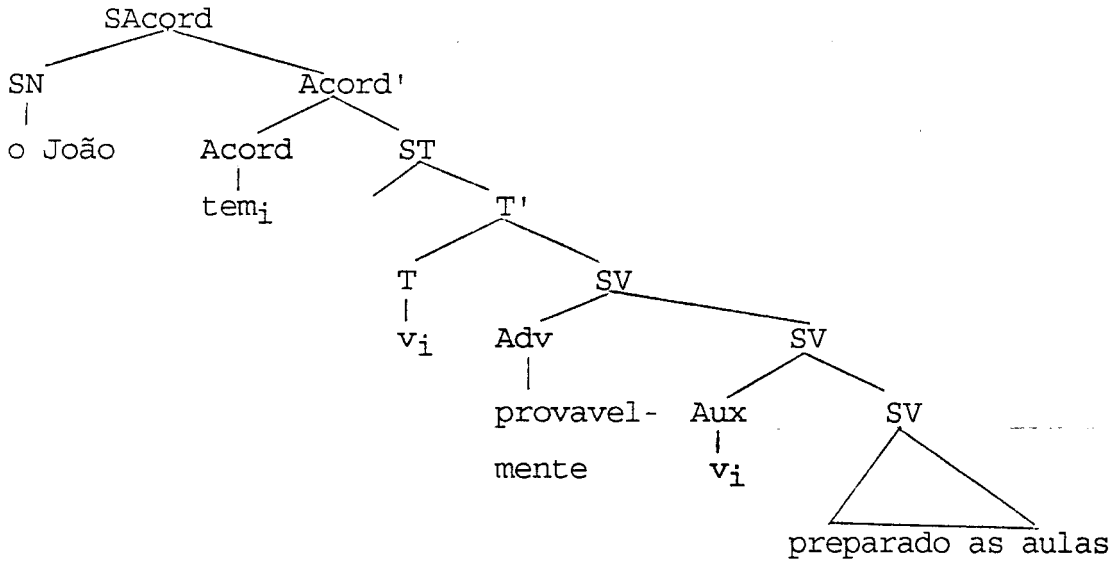
(69) A Maria tem, **realmente**, sido prestável.

(70) O João tem, **provavelmente**, preparado as aulas.

Analisá-las-emos como resultado da adjunção do advérbio a SV e, como veremos no Capítulo III, tal possibilidade faz com que os advérbios marcados prosodicamente anulem praticamente a fronteira entre eles e os advérbios de modo/maneira.

Vejamos então um advérbio frásico numa posição entre o Aux e o verbo no Particípio Passado. O advérbio parece estar numa posição de adjunção a SV:

(71)



Esta é uma proposta que se aproxima de alguma maneira da primeira proposta de Belletti para o tratamento dos auxiliares (Cf. (57)), mas que a autora excluiu por ser incompatível com a negação em non...più. Ora essa questão não se coloca para o Português, dado que a negação é sempre expressa antes da primeira forma verbal.

Todavia, fica por resolver a ordem de palavras SN_{suj} / Verbo / Adv / SPrep/SN (subcategorizados pelo verbo), de:

(72) O João vai, **provavelmente**, ao cinema.

(73) O João comeu, **provavelmente**, um bolo.

Uma possibilidade será sempre a adjunção a **SV**; através do movimento do Verbo para **T** e **Ac**, obtém-se a ordem correcta. Como este problema interfere crucialmente com a discussão dos

advérbios como adjuntos a SV vamos deixar esta questão em aberto e a ela voltaremos no Capítulo III.

O que fomos defendendo ao longo deste capítulo para a análise sintáctica dos advérbios frásicos foi a sua integração nas estruturas como sendo adjuntos a várias categorias funcionais ou lexicais, seguindo sugestões defendidas por Belletti(90) para o Italiano, mas diferindo nalguns detalhes da sua análise. Este tipo de hipótese respeitaria a não alteração do significado dos advérbios e estaria de algum modo relacionado com a necessária marcação prosódica, marcada por vírgulas, que é uma propriedade fundamental deste tipo de advérbios.

Como sublinhámos, a estrutura de adjunção a categorias funcionais e lexicais como SAc e SV dá conta de advérbios frásicos "orientados para o falante" e de advérbios "orientados para o sujeito" frásico. Como já foi dito, a não marcação prosódica do advérbio frásico pode incorrer em ambiguidade, uma vez que deixa de existir distinção formal entre o advérbio frásico e o advérbio de SV.

A leitura de modo/maneira que um advérbio "orientado para o sujeito" pode ter será objecto de uma análise própria, no capítulo seguinte.

3.1. Considerações iniciais

A gramática tradicional concede ao advérbio uma função básica e geral, a de "modificador do verbo" (Cunha, C. e Cintra, L. (84), pp. 537). Já constatámos a pouca propriedade de tal caracterização, mas não podemos deixar de admitir que é em função do verbo que muitos advérbios devem ser estudados. Este é o caso dos advérbios que parecem ser subcategorizados pelos verbos.

Vimos, aquando da proposta de uma classe de advérbios de SV, que se justificam dois tipos de advérbios distintos, "latu sensu", pelo seu grau de integração na frase e de relação com o verbo.

Os exemplos que apontámos foram, entre outros, os seguintes:

(74)=(2) O aluno estudou **atentamente** a lição.

(75)=(3) O João porta-se **mal**.

Através dos testes realizados no ponto 1.1. do capítulo I, avançámos a ideia de que certos advérbios de modo são modificadores verbais (ou de SV), como (74), enquanto outros parecem ser seleccionados pelo verbo, passando a ser parte

integrante de SV, como (75). Concluimos, na altura, que a supressão dos primeiros não produz resultados agramaticais, enquanto que a ocorrência dos segundos é obrigatória, na medida em que os advérbios completam a significação intrínseca do verbo. Encontrámos, assim, nos advérbios de SV duas subclasses sintácticas: os advérbios "adjuntos" a SV e os advérbios "subcategorizados" pelo Verbo.

No presente capítulo vamos começar por analisar algumas ocorrências dos advérbios "subcategorizados" e discutir esta classificação, (ponto 3.2.). No ponto 3.3. discutiremos os chamados anteriormente advérbios "adjuntos a SV".

3.2. Advérbios subcategorizados?

A questão que se coloca é saber se haverá advérbios que sejam subcategorizados por verbos. Como veremos, são poucos os verbos que não prescindem da ocorrência de advérbios, bem como são limitados os advérbios que desempenham essa função; no entanto, sempre que um advérbio deste tipo ocorre, aparece estreitamente vinculado ao significado do verbo, como exemplifica (75).

Antes de avançar para a análise de certas ocorrências, será importante reflectir sobre o fenómeno de subcategorização nas línguas, como ponto de partida para a análise que farei em seguida. No domínio teórico da Teoria da Regência e da Ligação, o fenómeno da subcategorização verbal assume um papel importante, na medida em que justifica um

número considerável de fenómenos, nomeadamente no âmbito da Sintaxe. Para Paiva Raposo(92), entre outros, o verbo é uma categoria sensível à composição categorial do SV em que ocorre, ou seja, «cada verbo "escolhe" a categoria gramatical dos constituintes com os quais pode, não pode, ou deve ocorrer no interior de VP» (pp.91).

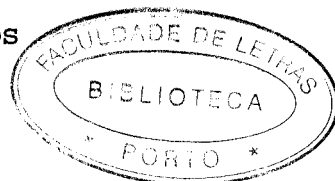
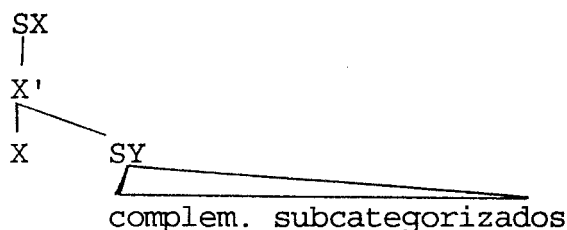
Como pretendemos explorar o fenómeno da subcategorização verbal, no âmbito da categoria advérbio, será pertinente formalizar este princípio que tem um papel importante no funcionamento do modelo gramatical que tomámos para análise do fenómeno da ordem de palavras. A formalização proposta é a de Paiva Raposo(92), pp.176, tendo como quadro teórico subjacente a Teoria X-Barra, tal como ela é proposta em Stowell(81), Chomsky(81)(86), e que iremos expondo à medida que formos introduzindo as noções importantes:

(76) Princípio da subcategorização

Um constituinte é subcategorizado por uma categoria lexical X sse é imediatamente dominado pela projecção X' que tem X como núcleo.

Em termos de estrutura defendida pela Teoria X-Barra:

(77)



A noção de "complementos" de Verbo, dentro de SV, inclui geralmente aqueles que provêm das exigências léxicas do verbo, ou seja, os complementos subcategorizados com a função de Objecto Directo, Objecto Indirecto e certos Complementos Preposicionais (por exemplo, com verbos de tipo locativo como pôr) distinguem-se, por isso, dos que são externos a essas exigências, os tradicionalmente designados "Complementos Circunstanciais". Segundo Hernanz e Brucart(87) os dois tipos de complementos constituem-se hierarquicamente de uma maneira distinta dentro do SV. Ainda segundo os mesmos autores, os "C.C". são elementos periféricos cuja presença na oração é opcional e além disso gozam de mais mobilidade na frase do que os subcategorizados. Associa-se ainda, tradicionalmente, esse tipo de complementos circunstanciais à classe sintáctica dos advérbios. No entanto, vamos verificar neste capítulo que alguns advérbios parecem integrar-se nos complementos subcategorizados.

Assume-se, geralmente, que os verbos têm de especificar na entrada lexical quais os constituintes que passarão a ser tomados como complementos verbais e que, em princípio, terão de ocorrer obrigatoriamente, distinguindo-se daqueles que só ocorrerão opcionalmente (ver mais adiante). Ao ocorrerem dentro de SV, os complementos do verbo completam o seu significado.

A omissão de alguns complementos obrigatórios pode levar a três situações:

a) a significação intrínseca do verbo não é expressa de um modo completo e a frase não é gramatical:

(78) * Ela pôs.

(79) * Eu já li.¹³,

(80) * Eu comi.

b) a significação intrínseca do verbo é expressa, através da interpretação implícita ("subentendida") do complemento ausente, normalmente recuperado pelo discurso anterior:

(81) Ela pôs os livros ali (na estante) ?

Sim, ela pôs.

(82) Já leste este livro?

Sim, já li.

c) a significação intrínseca do verbo é expressa pela ocorrência de um advérbio de modo:

(83) Queres comer mais?

Não, eu comi **bem**.

¹³ Agramatical como ocorrência isolada; veja-se, no entanto, a importância de um contexto de pergunta-resposta, que possibilita por exemplo os chamados "objectos nulos" em Português (Cf, Raposo(92), capítulo 16)

Antes de analisarmos o advérbio **bem**, atentemos nos seguintes exemplos:

(84) a) A Maria trabalha **duramente**.

b) A Maria trabalha.

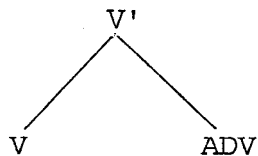
(85) a) Aquela senhora vestia **elegantemente**.

b)* Aquela senhora vestia.

(tradução de exs de Hernanz e Brucart (87), pp. 271)

Estes dois exemplos demonstram o contraste existente entre "trabalhar **duramente**" e "vestir **elegantemente**", sendo o comportamento do último advérbio fruto das exigências léxicas do verbo. Passando a ser um complemento exigido pelo verbo, explica-se que a sua ocorrência seja obrigatória. Pela proposta de Hernanz e Brucart(87), este advérbio deverá ser analisado como um complemento subcategorizado e gerar-se sob V' e não ser um adjunto a SV:

(86)



Concordamos com esta posição e podemos desde já avançar que há advérbios que são subcategorizados por certos verbos, apesar de veicularem a noção de lugar, de tempo e de modo,

tradicionalmente tomados como elementos "circunstanciais". Na realidade, constata-se que, mantendo as suas características nocionais, alguns destes elementos podem alterar o seu estatuto sintáctico. Veja-se (87):

(87) ~~Elegantemente~~, a actriz atravessou a sala.

Na realidade, essa alteração do estatuto sintáctico acontece por exemplo em frases do tipo predicativo (com ser) como em (88):

(88) a) O cortejo foi na avenida principal.

Em (88) a) "na avenida principal" é um SPrep que constitui o predicado fundamental, não se comportando como um "Circunstancial" opcional e periférico como em (88)b):

(88) b) Encontrei o João na avenida principal.

Independentemente de se saber qual a estrutura sintáctica de exemplos como (85)b) parece claro que o advérbio não ocupa uma posição típica dos circunstanciais, como tradicionalmente era tomado.

Na linha de análise que temos vindo a desenvolver, podemos apontar três grupos de verbos que, pelas suas características, parecem configurar os advérbios como seus argumentos internos.

(i) Comecemos pela análise do grupo que engloba o verbo comer que, à semelhança do verbo beber e pagar, além de prever uma construção transitiva (com um SN), co-ocorre com advérbios de modo do tipo **bem** / **mal** e apresenta ainda uma característica diferenciada - pode "incorporar" o objecto:

(89) A Rita comeu uma comida especial!

(90) A Rita comeu?

Sim, a Rita comeu.

(91) A Rita comeu **bem** a sopa!

(92) A Rita comeu **bem**.

A frase (89) mostra um tipo de anulação do objecto, que pode ser descrito como um processo de saturação desse objecto no Léxico (Cf. Raposo(92), Cap.10).

Outra situação é a descrita em (91), em confronto com (92). Na presença do advérbio, a explicitação do objecto em (91) provoca uma leitura diferenciada daquele e, conseqüentemente, de toda a frase. O advérbio em (91) é claramente um advérbio de modo (numa estrutura sintáctica que discutiremos mais tarde) em (92) possibilita duas leituras distintas: uma leitura como advérbio de quantidade, associando-se a "comer **bem**" a ideia de comer uma certa quantidade de comida considerada suficiente ou acima da média; e uma segunda leitura, que mantém o carácter de modo

do advérbio ("comer **bem**" é sinónimo, então, de comer de acordo com certos padrões e regras da nutrição¹⁴).

Parece ser pertinente a ideia que os verbos deste tipo exprimem um tipo geral de processo cuja significação passa muito pelo conhecimento cultural e pelos domínios de saber dos falantes. Na mesma linha de pensamento Vilela(94) aponta um conjunto de verbos cujos circunstantes adverbiais, já estão, de certo modo, incorporados no valor do verbo, tornando-se típica a sua ocorrência, (por exemplo em "aumentar **substancialmente**", "beber **avidamente**", (cf. Vilela(94), pp. 210).

Uma nova questão se coloca: será que as duas leituras que constatamos para **bem** correspondem a estruturas frásicas distintas? Vamos tentar responder à questão durante este capítulo.

(ii) Mas cremos haver um segundo conjunto de verbos que, pelas suas características, também parecem subcategorizar advérbios na sua estrutura argumental, pois, como já foi observado no Capítulo I, a ausência do elemento advérbio converte a oração numa sequência incompleta e por isso agramatical.

Atentemos nos seguintes exemplos:

- (93) a) O João comporta-se **bem** nas aulas.
b) * O João comporta-se nas aulas.
c) * O João comporta nas aulas.

¹⁴ Estando em causa padrões de sociabilidade completamente diferentes.

- d) * O João comporta **bem** nas aulas.
- (94) a) A senhora sentiu-se **mal** com o calor.
b) * A senhora sentiu-se com o calor.
c) * A senhora sentiu com o calor.
d) * A senhora sentiu **mal** com o calor.
- (95) a) A escola situa-se **ali**.
b) * A escola situa-se.
c) * A escola situa.
d) * A escola situa **ali**.
- (96) a) A atriz arranja-se **elegantemente**.
b) ?* A atriz arranja-se.
c) * A atriz arranja.¹⁵
d) * A atriz arranja **elegantemente**.
- (97) a) Aquela senhora veste-se **elegantemente**.
b) * Aquela senhora veste-se.
c) * Aquela senhora veste.
d) Aquela senhora veste **elegantemente**.

Em (93) e (94) os verbos são inerentemente reflexos. Pelas ocorrências b) e c) constatamos que a ausência do advérbio é causadora de agramaticalidade, bem como a ausência

¹⁵ Cf. nota 12.

do pronome -se, mesmo que ocorra o advérbio (93) d). Em (95) o comportamento do verbo, apesar de ser locativo (neste aspecto ele comporta-se como pôr), é semelhante aos dois exemplos anteriores. Os verbos do tipo arranjar-se e vestir-se, em (96) e (97), parecem também não prescindir da ocorrência do advérbio, bem como do pronome reflexo (apesar do verbo vestir permitir uma ocorrência do tipo de d).

A questão que se coloca é saber se o -se é um argumento interno do mesmo "estatuto" que o advérbio, e se o advérbio é um argumento interno dos verbos mencionados.

Veamos o que se passa com lavar na construção transitiva (98) e reflexa (99):

(98) a) O Pedro lava a filha.

b) * O Pedro lava.

(99) a) O Pedro lava-se.

b) O Pedro lava as mãos.

c) * O Pedro lava-se as mãos.

d) O Pedro lava-se (frequentemente)

Na construção transitiva o verbo lavar subcategoriza um argumento interno (SN-objecto directo). A ausência desse objecto directo torna a frase agramatical, o que indicia a sua inclusão na estrutura de subcategorização do verbo e na sua grelha argumental.

No verbo lavar-se, é o próprio pronome reflexo, anáfora da expressão nominal sujeito, que representa o argumento interno. (Cf. (99) a) e c). Note-se, ainda, que em d) a ocorrência de um advérbio de tipo aspectual no caso do verbo lavar-se é opcional, e a sua ausência não é geradora de agramaticalidade. Assim, ao contrário dos exemplos apresentados em (93) e (94), o advérbio não pertence ao quadro de subcategorização do Verbo.

Um outro caso a ter em atenção, em construções com o pronome clítico -se, são as chamadas "construções médias" da passiva, onde, à semelhança do que acontecia com os verbos do tipo "arranjar-se", o advérbio de modo parece ter um papel crucial.

Tal como nas construções passivas, nas passivas médias há "suspensão da atribuição da função semântica de agente à posição de sujeito e externalização do argumento interno do predicador" (Mira Mateus et alii(89), pp. 225), Nas línguas românicas, as chamadas passivas médias realizam essas propriedades através da presença do pronome clítico -se, ao contrário das passivas normais que o conseguem através de um processo derivacional. O que constatamos é que em muitas passivas médias do tipo de (100) a) e (101) a) com os verbos traduzir e ler a ocorrência do advérbio de modo é fundamental para a gramaticalidade da maioria das frases (Cf. (100) b) e (101) b).

(100) a) O grego traduz-se **facilmente**.

(101) a) Aqueles livro lêem-se rapidamente.

Estando os advérbios suprimidos, as frases resultam agramaticais:

(100) b) * O grego traduz-se.

(101) b) * Aqueles livros lêem-se.

deixando-nos concluir que o advérbio de modo é, de alguma forma, dependente (lexicalmente) do verbo na sua forma "média". Até que ponto ele é subcategorizado pelo verbo essa é uma questão fora do âmbito desta dissertação..

Do que ficou exposto, a subcategorização adverbial parece ser o processo que legitima a presença dos advérbios de modo em (93), (94), (96), (97) como argumentos internos.

De tudo o que ficou dito podemos concluir que os verbos como comportar-se, portar-se, sentir-se, arranjar-se e situar-se formam um grupo, na medida em que incluem como argumentos internos certos advérbios. Note-se, também (com a devida ressalva para o advérbio ali (+locativo) cuja inclusão nesta exposição serviu apenas para corroborar a ideia de subcategorização dos advérbios), que os advérbios que ocorrem nas construções analisadas, como advérbios dependentes dos verbos, são todos advérbios de modo.

Um outro conjunto de verbos que parecem incluir advérbios de modo nas suas estruturas argumentais são os

verbos denominais do tipo representar, assobiar, cantar e dançar.

Os advérbios que ocorrem com estes tipo de verbos são, na sua grande maioria advérbios de modo, mas também, por vezes, de quantidade/intensidade como "cantar **bem/mal**", "dançar **horrivelmente/divinamente**", "representar **fantasticamente**", "assobiar **muito/pouco/alto**", etc.. Este facto parece ser facilmente interpretável na medida em que os referidos advérbios modificam o processo enunciado pelo verbo.

Atentemos agora nos exemplos seguintes:

(102) Pavarotti canta **maravilhosamente**.

(103) Pavarotti cantou **maravilhosamente** a opereta.

À partida, estas ocorrências parecem partilhar as características do grupo do verbo comer; porém os exemplos (90) e (91) diferiam na medida em que a realização ou não do objecto do verbo acarretava diferentes leituras para o advérbio. Ora **maravilhosamente**, nos exemplos anteriores, não altera a sua leitura de modo. Se (102) pode ser parafraseada por "Ele tem a capacidade de cantar **maravilhosamente/muito bem**", a mesma paráfrase daria conta de (103), a única diferença reside no facto de (102) exprimir uma "activity" e (96) um "accomplishment" (Vendler(67)). Porém esta distinção é de natureza aspectual e já nos leva para outros campos de análise fora do âmbito desta dissertação.

Voltemos agora à questão que pretendemos debater neste capítulo e à qual já fizemos referência. Como dar conta, numa estrutura sintáctica, desta posição do advérbio, contemplando ao mesmo tempo a ideia que diferentes posições originam leituras diferenciadas para o mesmo advérbio, como vimos para o caso de comer?

Voltemos de novo à discussão de como a Gramática deve descrever o fenómeno da selecção verbal.

Na TRL e em muitos modelos sintácticos o fenómeno da subcategorização (tal como foi exposto anteriormente) é descrito nas entradas lexicais dos itens em causa (neste caso os Verbos). A correspondência do Léxico na Sintaxe faz-se respeitando essas informações. O Princípio que regula essa correspondência é o "Princípio de Projecção", que estipula o seguinte: "as representações em cada nível sintáctico (estrutura-P, estrutura-S e FL) são projectadas do Léxico, isto é, observam as propriedades temáticas e de subcategorização dos itens lexicais" (Cf. Raposo, (92), pp. 294).

Aceitando que o V comer, por exemplo, selecciona nas condições descritas anteriormente um SN ou um SAdv a este verbo corresponderá a seguinte entrada lexical:

(104) comer : < SN >
 V
 < S Adv >

A projecção destas informações na Sintaxe faz-se obedecendo aos princípios de Teoria X-Barra. Para Chomsky(81) as categorias sintagmáticas obedecem a um formato uniforme, de acordo com as instruções seguintes:

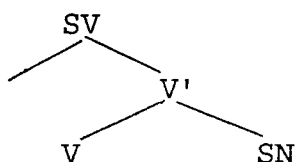
$$(105) \begin{array}{l} SX \rightarrow SY \quad X' \\ X' \rightarrow X \quad SW \end{array}$$

onde SX é a projecção de um núcleo X e onde se prevê que à direita do mesmo ocorra uma posição para os complementos desse núcleo (SW). Além dessa posição para complementos do núcleo, a Teoria X-Barra prevê uma posição para Especificador (SY), que deverá ocorrer à esquerda do núcleo. SX é tomado como sendo a Projecção Máxima do núcleo X. Este tipo de representação baseia-se no requisito de ramificação binária proposto por Kayne(84).

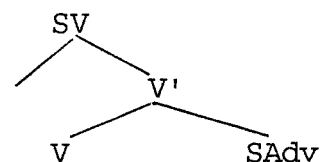
Assim, pela combinação de (104) e (105), serão as seguintes as estruturas dos SVs, cujo núcleo é o verbo comer (entre outros):

(106)

a)



b)



Mas o V comer comporta mais um argumento, aquele que ocupa em geral a posição de Sujeito frásico. Ao Sujeito é costume chamar-se argumento externo, porque se realiza fora da projecção máxima de SV; os restantes argumentos, porque ocorrem dentro de SV, chamam-se internos.

Para além do quadro de subcategorização, a entrada lexical de um Verbo contempla também uma grelha temática. Essa grelha temática é responsável pela especificação do número e função temática dos seus argumentos, uma vez que se estabelece entre predicador e argumentos uma rede de relações semânticas que a gramática tem de dar conta. Por exemplo, o verbo comer selecciona dois argumentos SNs (um externo e outro interno), o primeiro tem a função temática de Agente, o segundo a função temática de Tema. Assim, a entrada lexical de comer será a seguinte:

(107)

$$\text{comer}_V: \quad < \text{SN}_{\text{Agente}} > \quad < \text{SN}_{\text{Tema}} > \\ & \quad \quad \quad \quad \quad \quad \quad \quad < \text{SAdv}_{\text{Tema}} >$$

Esta marcação de papéis temáticos obedece ao Critério Temático, que estipula que cada argumento não seja marcado por mais do que um papel temático.

Uma nota importante sobre a selecção do argumento Sujeito. O Sujeito é também fruto da selecção semântica do verbo, mas não é subcategorizado por este, uma vez que ocorre fora do SV. Assim, enquanto a marcação temática dos

complementos é directa, a marcação do Sujeito, uma vez que não pertence ao quadro de subcategorização do Verbo, é considerada indirecta¹⁶. Note-se ainda que os papéis temáticos são atribuídos aos elementos em posições argumentais. Se por movimento de qualquer elemento essa posição não estiver preenchida o Princípio de Projecção exige que esse constituinte deixe um vestígio na posição de origem. (Ver a este propósito, Capítulo II)

Em Chomsky(86), pp.99, assume-se a ideia de que a subcategorização pode ser suprimida nas entradas lexicais, ficando apenas a indicação dos papéis temáticos a atribuir aos argumentos. Segundo Chomsky, a chamada selecção-c (categorial) é uma especificação redundante relativamente à informação transmitida pela selecção-s, ou seja, a informação das relações temáticas dos argumentos. Esta ideia parece problemática e de certa maneira põe em causa a ideia de subcategorização. Quer dizer, num modelo como o exposto, é a selecção semântica que tem de dar conta da ocorrência e da forma dos argumentos (externos e internos) e da dependência destes em relação aos verbos.

Uma proposta alternativa, que permite dar conta da dependência dos argumentos em relação aos Verbos é a de Larson(88), como veremos este autor traz contributos importantes para a análise que pretendemos fazer dos verbos

¹⁶ Esta ideia não faz sentido para as propostas que prevêm que o Sujeito é um argumento interno do Verbo, projectado sob SV.

que parecem seleccionar advérbios como seus dependentes semânticos.

Larson(88) propõe uma estrutura sintáctica que contempla, em Estrutura-P, os verbos de duplo objecto (como to give e to sell, em Inglês), e verbos que exibem alternâncias (ex. verbos de alternância locativa) e outros verbos com mais do que um argumento interno.

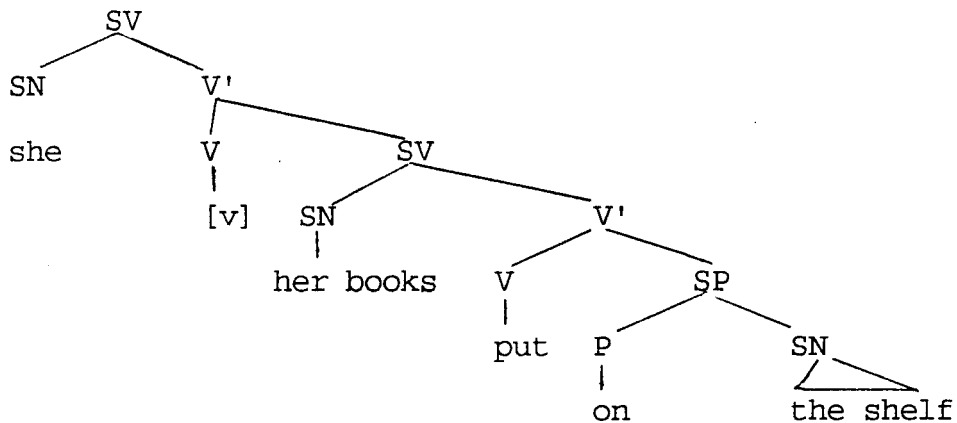
Veamos a proposta de Larson para um SV com o verbo to put. Segundo este autor, a estrutura-P, parcial, de frases do tipo:

(108) " She put her books on the shelf."

seria a seguinte:

(109)

(...)



Esta representação merece algumas breves reflexões.

Primeiramente, uma nota sobre a posição atribuída ao Sujeito da frase. Segundo este autor, o argumento externo dos verbos, que é projectado em Sintaxe como sendo o Sujeito frásico, está contemplado em Estrutura-P sob o nó SV, de forma a obter a marcação de papel temático. A proposta defende a subida do SN_{sujeito} para Esp de SFlex de forma a obter caso nominativo¹⁷. Este tipo de configuração é também defendida por Sportiche(88) e Chomsky(95). As motivações dessa proposta são de vários tipos, mas a discussão deste tópico está fora do âmbito deste trabalho. Este não é um assunto consensual entre os teóricos da TRL. Chomsky(81) e Halle and Keyser(93) propõem que o SN_{sujeito} é projectado em Estrutura-P como argumento externo a SV (externo no sentido próprio do termo) e ocupando em Estrutura-P e Estrutura-S a posição de Esp de SFlex.

Uma segunda ideia relaciona-se com a noção de "subcategorização". Esta noção perde a importância que tinha em estádios anteriores da teoria, pois o SV passa a incluir o argumento "Sujeito", argumentos internos (SNs e SPs) e também modificadores, sendo esta a proposta que nos interessará aqui discutir.

¹⁷ Os SNs com realização fonética devem ser marcados ao nível da Estrutura-S por uma informação de caso. Esta marcação é, para o Português, abstracta. As atribuições de caso possíveis são, para além do Nom(inativo), o caso Acus(ativo), Dat(ivo) e Obl(íquo).

No modelo minimalista (Chomsky (92,95)) propõe-se que os itens lexicais já vêm do Léxico com as suas marcas de número e caso, sendo então os movimentos de SN motivados como meio de verificação de traços.

Uma terceira observação é que ao tipo de estruturas que Larson propõe deve aplicar-se o movimento do Verbo (ver início deste Capítulo). Segundo o autor, a projecção do SV e dos seus argumentos obedece a dois princípios: os argumentos seleccionados por um verbo ocorrem, em Estrutura-P, sob a projecção máxima desse verbo e seguindo uma determinada ordem hierárquica. A Hierarquia Temática, segundo Larson é a seguinte (Larson(88), pp.382):

(i) Agente > Tema > Meta > Oblíquos (modo, lugar, tempo, ...)

Larson prevê que, de acordo com a Hierarquia Temática, certos advérbios, classicamente considerados como modificadores, sejam projectados como complementos, na posição mais baixa da representação sintáctica. Para tal, o autor defende a existência de um nível no SV onde ocorrem esses modificadores.

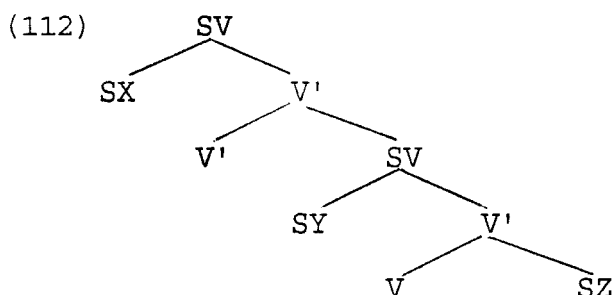
Assim sendo, e voltando à questão que pretendemos tratar, vejamos de que forma uma estrutura do SV como a apresentada por Larson(88) contemplaria a posição estabelecida para os advérbios "seleccionados" pelo verbo.

Vejamos de novo os exemplos (92) e (85), aqui renumerados como (110) e (111):

(110) A Rita comeu **bem**.

(111) Aquela senhora vestia **elegantemente**.

Consideremos a seguinte estrutura:



Na proposta que se segue vamos momentaneamente "esquecer" os problemas respeitantes ao movimento do V e aos traços de Acordo e Tempo do verbo, em detrimento de uma análise mais atenta do SV.

Os advérbios que se comportam como dependentes semânticos dos verbos como os advérbios **bem** em "comer **bem**", **mal** em "comportar-se **mal**" e **elegantemente** em "vestir **elegantemente**" (entre outros) pertencem a uma categoria gramatical (Adv) completamente distinta das categorias que são habitualmente chamadas a ocupar posições de Esp/Compl de um núcleo lexical (geralmente SNs).

Os advérbios, pelo facto de não serem SNs, não necessitam de marcação de caso, mas são acessíveis à marcação de papel temático, se estiverem de algum modo previstos na grelha temática dos Vs. Logo, não sendo SNs e não precisando de caso, poderiam ocupar ou posições de Compl ou posições de Esp, não precisando de ser deslocados.

Quando, anteriormente, nos referimos à grelha temática dos verbos, dissemos que tal grelha deve especificar o número

e o papel temático dos argumentos do verbo. Pondo de lado o problema do Sujeito, podemos propor que o papel temático dos advérbios dependentes lexicalmente dos Vs seja, no caso de verbos como comer, beber, pagar, o de Objecto ou Tema, associado à ideia de quantidade e para o caso dos Vs como vestir-(se) e arranjar-(se) a função temática de Modo.

Vamos, por outro lado, propor que essa diferença interpretativa corresponda a uma diferença estrutural; assim, os advérbios de Tema associados à ideia de quantidade serão engendrados na posição de Especificadores de SV. Por movimento do Verbo, a ordem obtida é V / Adv, como em (110).

No caso de estes mesmos advérbios **bem/mal** surgirem associados a SNs, constituindo estes os objectos directos dos verbos, como (113) e (114):

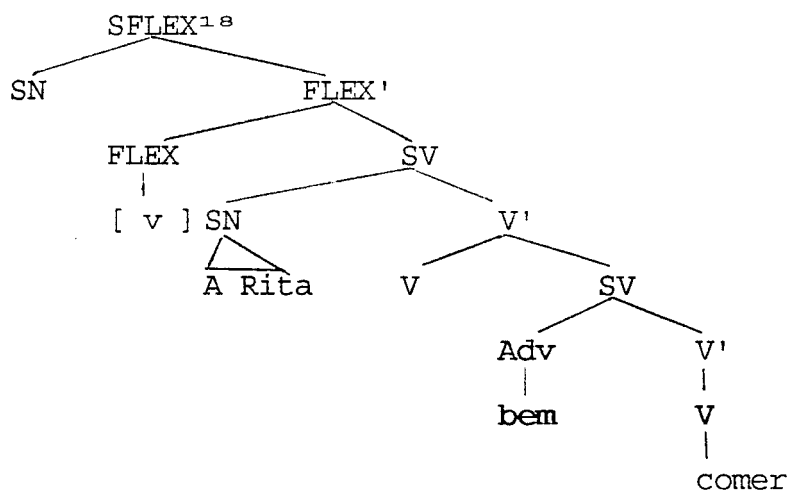
(113) A Rita comeu **bem** a sopa.

(114) Ela comeu a sopa **bem**.

a interpretação do advérbio é a de Modo, o que deverá corresponder a uma diferente posição (ver adiante).

Voltando às frases como (110). De acordo com as considerações feitas, podemos dizer que (110) pode ter uma estrutura como (115):

(115)

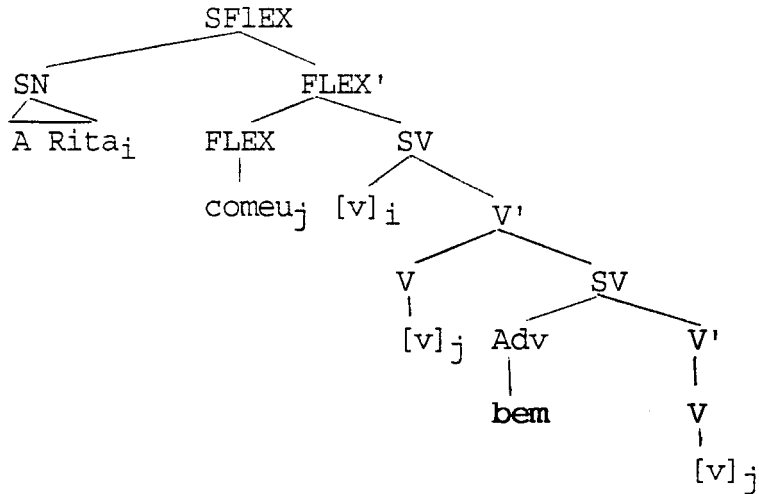


O advérbio **bem** aparece engendrado como Especificador de SV, na sua leitura de quantidade. Se repararmos, uma paráfrase possível para este tipo de advérbio é "uma boa quantidade", o que mostra que, nesta interpretação, o advérbio se constitui quase como uma expressão nominal. Assim, parece legítimo tomar o advérbio como "objecto" do verbo.

Como derivar a ordem de palavras SN_{suj} / V / Adv da frase (110)? Quer o verbo quer o SN_{suj} têm motivações para subir (como já explicámos anteriormente) e a Estrutura-S resultante é a seguinte:

^{1ª} Uma vez que não interessa aqui a questão dos traços Tempo e Acordo, optou-se por utilizar a representação SFlex para a Frase, excepto quando se abordar directamente algumas propostas que impliquem a distinção entre essas duas categorias.

(116)



Uma das questões centrais deste trabalho é justificar a relação existente entre as diferentes posições do advérbio na frase e a leitura que essas diferentes posições determinam. Justifica-se, pois, reflectir agora sobre outras frases semelhantes e distintas de (110), onde o advérbio **bem** ocupa diferentes posições:

(117) **Bem**, a Rita comeu, mas beber, bebeu **mal**.

(118) A Rita **bem** comeu, mas ficou com fome na mesma!

(119) a) A Rita comeu **bem** a sopa.

b) A Rita comeu a sopa **bem**.

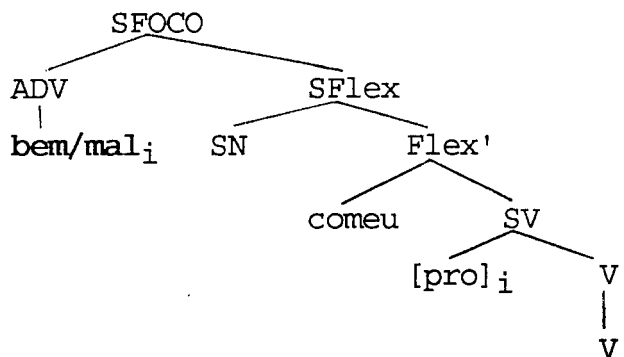
Em relação a (117): à partida, torna-se necessário afirmar que para construções deste tipo contrastivo a primeira intuição é que elas surgem por movimento do advérbio. Poderíamos propor para a explicação de frases deste tipo, onde o advérbio seleccionado pelo verbo ocupa a

primeira posição na frase, uma estrutura que engendrasse o advérbio sob SV e, depois, pela aplicação de Mover- , se deslocasse para a posição onde ocorre na frase. No entanto, esta explicação parece difícil de aceitar, na medida em que, na TRL, não tem cabimento falar-se em movimentos do advérbio, uma vez que não há motivação para que tal aconteça. A alternativa parece ser o engendramento básico do advérbio numa posição de FOCO e a co-indexação dessa posição com uma categoria vazia no interior de F.

Deve referir-se que em (117) **bem** / **mal** conservam a interpretação de quantidade que sugerimos para as construções não marcadas correspondentes.

Simplificando muito, a estrutura de (117) seria a seguinte:

(120)



No entanto, uma discussão deste tipo de estruturas está fora dos objectivos deste trabalho. Fica de qualquer modo claro que não proporemos o movimento do advérbio, uma vez que não há motivação para que tal aconteça.

Em (119) a interpretação de **bem** é a de modo, e não é possível, neste caso, a leitura de quantidade que o mesmo advérbio tem nas frases (110) e mesmo em (117). Sendo assim, **bem** parece ocupar em (119) uma posição distinta da proposta para a frase (110).

Coloca-se de novo a questão: estará **bem** numa posição de adjunto a SV, ou estará contido em SV numa posição permitida por estruturas do tipo da proposta de Larson(88)? Discutiremos esta questão no ponto seguinte.

Quanto a (118), o advérbio perde de novo a leitura de advérbio de modo e adquire o sentido de até, mesmo. Estamos na presença de um advérbio focalizador cuja posição é distinta de **bem** de quantidade e de **bem** advérbio de modo.

3.3. Advérbios "adjuntos a SV"?

Voltemos, então, agora a (119) a):

(119) a) A Rita comeu **bem** a sopa.

Em (119)a), **bem** é claramente, como dissemos, um advérbio de modo/maneira, que pode ser parafraseado por "comeu de uma forma boa, sossegada, sem sobressaltos". A maioria das caracterizações dos advérbios como os de (119) tratam-nos como sendo engendrados em posição de adjunção a SV, (nomeadamente Jackendoff(72), Chomsky(86), Pollock(89), Raposo(92)). Porém, há outras análises concorrentes que se

dividem entre a consideração dos advérbios ora como um núcleo de uma categoria funcional (Cinque(93)), ora como estando contidos na estrutura de SV (em estruturas do tipo da proposta por Larson(88)). Abordaremos de seguida as propostas de Pollock(89) e de Larson(88). A proposta de Cinque(93) encontra-se em Apêndice a este capítulo, uma vez que vai muito mais longe do que o âmbito desta dissertação.

3.3.1. A proposta de Pollock(88)

Ao tratar o processo de movimento do verbo nas línguas românicas, Pollock(89) discute com algum detalhe a distribuição dos advérbios na frase. Pollock argumenta que os advérbios do tipo *souvent* (e, por inerência, os que referimos na parte 1.2.2. deste trabalho) são modificadores do SV, possivelmente numa estrutura de adjunção.

No estudo comparativo do Francês e do Inglês, de frases do tipo (121) (de Pollock, pp.367):

(121) a) Jean embrasse *souvent* Marie.

b) * John kisses *often* Mary.

(122) a) * Jean *souvent* embrasse Marie.

b) John *often* kisses Mary.

Pollock(89) defende que ambas as línguas partilham o mesmo tipo de Estrutura-P; o Adv ocupa uma posição opcional,

na periferia esquerda de SV, que pode ser ocupada por advérbios como por exemplo *souvent/often; rarement/seldom*. Por força do contraste existente nas duas línguas quanto à posição do advérbio, a proposta de Pollock assenta no pressuposto que, não havendo movimento de advérbio (nem para a direita, nem para a esquerda), as duas posições distintas em estudo - pós e pré-verbal - são atribuíveis ao movimento ou ao não movimento do verbo para Flex.

No caso de frases finitas do Francês, como (121), constata-se que a posição do advérbio é pós-verbal.

Pollock assume que o movimento do V para Flexão é obrigatório nas frases finitas (e opcional nas infinitivas), em Francês, sendo o processo responsável pelas estruturas apresentadas. Como este movimento é uma instância de Mover- α , é obrigatório, na medida em que se liga com outros módulos da G.U. e está dependente da associação ao traço [+finito] da Flex.

Vejam os exemplos, com a mesma hipótese, Pollock justifica as estruturas (121) b) e (122) b). O Inglês apresenta, segundo o autor, certas restrições ao movimento do verbo, que refere serem do tipo lexical. Ao contrário do Francês que prevê o movimento do Verbo para todos os verbos, o Inglês restringe-o aos verbos to have e to be. (por exemplo, em interrogativas "Have you eaten?" "Is she ill?"). Esta proposta permite a Pollock avançar com a ideia de que os Auxs have e be também sobem para Flexão em Inglês. Veja-se a seguinte ocorrência:

(123) Jonh has often kissed Mary.

Como ficou dito, também no Francês parece haver um contraste resultante da opcionalidade do movimento do verbo em frases infinitivas, sendo possíveis as seguintes ocorrências:

(124) Paraître **souvent** triste pendant son voyage de noce,
c'est rare.

(125) **Souvent** paraître triste pendant son voyage de noce,
c'est rare.

Para Pollock(89), a subida do verbo faz-se por atracção da força morfológica contida em Flexão, considerando que a Flexão deve ser analisada em duas categorias funcionais distintas, STempo e SAc (nesta ordem hierárquica)¹⁹ e que certos contrastes na ordem de palavras nas línguas (frases não finitas vs finitas) se explicam por movimento curto do verbo (para SAc) ou por movimento longo do mesmo (para SAc e para ST).

Vejamos, agora, uma vez que é esse o nosso foco de atenção, a que nível acontece o engendramento dos advérbios e se a proposta de Pollock satisfaz as propriedades do Português.

¹⁹ Como constatamos, é nesta proposta de Pollock(89) que Belletti(90) se baseia. Porém, há elementos que distanciam os dois autores, como é o caso da hierarquia destas duas categorias funcionais e, de certa forma, o tipo de motivação da subida do verbo.

Segundo Pollock(89) a estrutura subjacente à frase já enunciada:

(121) Jean embrasse **souvent** Marie.

é paralela em Estrutura-P a uma frase negativa:

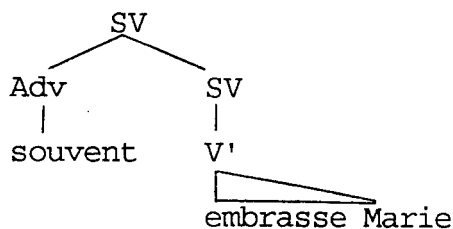
(126) Jean n'aime pas Marie.

e, simplificando, deveria corresponder à seguinte Estrutura-P (exemplo de Pollock(88), pp. 382).

(127) [SN Flex ([pas/not]) [(Adv) V...]]
 SFlex Neg SV

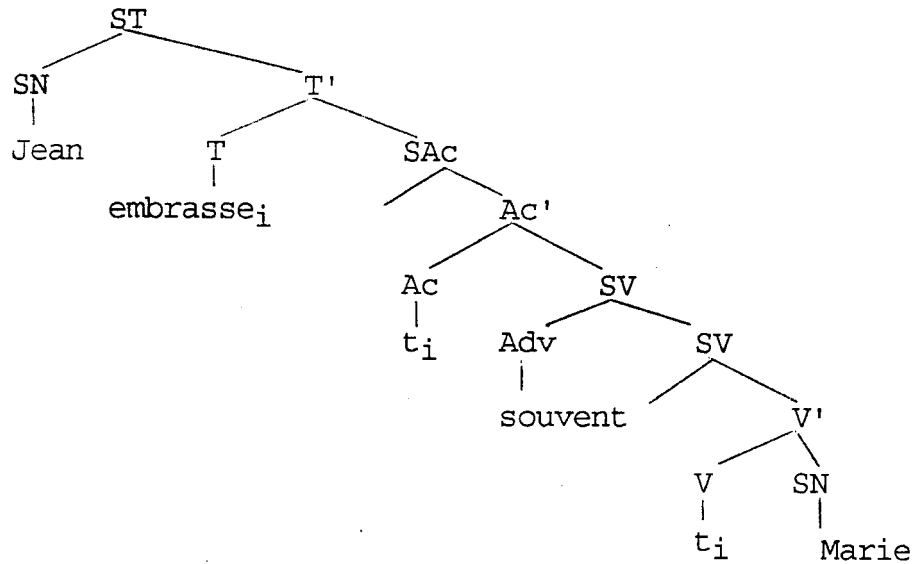
Onde a posição sugerida para o advérbio corresponde a uma estrutura do tipo seguinte:

(128)



Nesta estrutura teríamos de admitir dois níveis distintos na Flexão para podermos derivar uma Estrutura-S bem formada. Assim, a Estrutura-S de (121) será a seguinte:

(129)



Em (128) e (129) o advérbio é engendrado como adjunto a SV, em adjunção à esquerda, e a sua posição pós-verbal resulta do movimento longo do verbo para Flexão.

Uma estrutura de adjunção deste tipo explicaria ocorrências similares para o Português, como nos nossos exemplos que contêm advérbios com uma interpretação de modo:

(130) A Rita comeu **bem** a sopa.

(131) O Pedro resolveu **astutamente** o problema.

mas como dar conta, desta forma, de frases como as seguintes:

(132) A Rita comeu a sopa **bem**.

(133) O Pedro resolveu o problema **astutamente**.

ocorrências gramaticais em Português onde, e isso é importante para nós, o advérbio mantém a leitura de modo? (Talvez a aceitabilidade de (130) seja superior a (133), mas (132) não pode, de qualquer modo, ser considerada agramatical).

3.3.2.A Proposta de Larson(88) e MacConnell-Ginet(82)

Dadas as insuficiências da proposta de Pollock(89) para o tratamento de (127) e (128) procurarei aprofundar, em seguida, a estrutura proposta por Larson(88), já referida anteriormente aquando de discussão dos advérbios que se apontaram como sendo dependentes semânticos dos Verbos. Esta proposta apresenta algumas versatilidades que poderão ser exploradas para dar conta da integração dos advérbios em SV. A proposta aponta para a existência de um nível mais baixo na estrutura onde ocorrem os modificadores verbais. A questão que se coloca é saber se os advérbios de modo devem ser considerados adjuntos a SV (seguindo a proposta de Pollock(89)) ou se estão contemplados na estrutura de SV como complementos, como propõe Larson(88).

A proposta de Larson(88), de uma estrutura altamente hierarquizada para SV, onde os advérbios ocorrem no mais baixo nível dessa estrutura, traz algumas consequências polémicas. O facto de um modificador adverbial se projectar num nível mais baixo de categoria SV, como ilustra a frase (134), de Larson(88), pp. 384, obriga-nos a admitir que, a

Dissemos anteriormente que a proposta de Larson de engendrar advérbios de tempo, e outros advérbios, no nível mais baixo da representação sintáctica, apesar de obedecer à sua Hierarquia Temática, envolve alguns problemas semânticos. De facto, *on Tuesday* é um complemento circunstancial, não previsto na estrutura argumental do Verbo. Parece problemático propor que advérbios que mantêm relações diferentes com os verbos sejam engendrados no mesmo nível de estrutura, isto é, um advérbio que expressa uma circunstância (adicional, opcional) seja engendrado na posição de advérbios que são absolutamente necessários para, com o verbo, formar uma unidade de sentido.

Larson dá conta das implicações semânticas desta tomada de posição e refere que a sua análise se baseia numa análise semântica dos advérbios de McConnell-Ginet(82) na qual os advérbios não são tomados como adjuntos a SV (como seria de esperar), mas sim como seus complementos. Segundo esta proposta, os advérbios combinam-se com o verbo da frase antes que se estabeleça a sua relação com os seus outros argumentos.

A ideia fundamental de Ginet(82) é mostrar de que forma os advérbios, como modificadores, denotam diferentes leituras consoante a posição que ocupam na frase. A autora parte da diferenciação, de "Ad-Sentences" e de "Ad-Verbs", formulada da seguinte forma:

« Ad-Verbs work at (or near) the lexical "level": they modify the valuation function as it applies to basic expressions. Ad-Sentences are somewhat more complex: they do not specify a new value for the sentences on which they operate, but can affect the general modal structure in terms of which interpretation is specified.» (pp. 180)

A autora baseia-se no pressuposto que os advérbios têm três grandes leituras possíveis. Uma leitura provém do facto do advérbio ter escopo sobre toda a frase, correspondendo a uma posição externa à frase, sendo por isso um "Ad-Sentence". As outras duas leituras dizem respeito aos "Ad-Verbs", que recobrem duas interpretações, uma quando ocorrem numa posição externa a SV, outra quando ocorrem numa posição interna a SV.

Vejamos mais concretamente a proposta da autora para as frases de (137):

(137) a) Louisa rudely departed.

b) Louisa departed rudely.

Às quais são atribuídas as seguintes estruturas:²¹

(138)

a) [[Louisa] [rudely] [departed]]
F SN ADV SV

²¹ Serão respeitadas as representações do artigo, para não serem deturpadas as propostas, embora, as representações não correspondam às propostas da TRL e adoptadas nesta dissertação.

b) [[Louisa] [[departed] [rudely]]]
 F SN SV ADV

Uma proposta deste género pretende, sobretudo, dar conta da relação entre a Sintaxe e a Semântica, pela colocação dos advérbios em posições estruturais diferentes, segundo o seu valor semântico. O que está em causa é o valor do advérbio, que parece ser o mesmo, como operador sobre predicados e não o seu valor como operador sobre a frase e, segundo a autora não parece haver evidências para que o advérbio surja numa estrutura como sendo externo a SV e noutra como sendo interno a SV.

Uma hipótese que a autora põe é admitir a existência de dois operadores diferentes: *rudely*₁ e *rudely*₂. Assim *rudely*₁ em a) designa atitude, numa interpretação como "Ad-verb" (como advérbio externo a SV); *rudely*₂ em b) tem leitura de modo, numa interpretação como "Ad-Verb" (mas desta vez, como advérbio interno a SV). Basicamente a ideia parece correcta, nomeadamente se ligarmos a representação externa a SV aos advérbios frásicos orientados para o Sujeito e a representação interna a SV aos advérbios que designámos com os advérbios de SV.

No entanto, Ginet admite outra solução: "the intuition that VP-internal adverbs somehow modify the verb, rather than the VP", pp 161.

A ideia que serve de base a Larson(88) é, precisamente, que os advérbios de SV modificam e estão mais presos ao verbo

do que a todo o SV. Ginet (82) apresenta alguns argumentos que a levam a optar por uma proposta deste tipo.

Parte-se da ideia que alguns verbos requerem uma combinação com certos modificadores adverbiais para perfazerem com eles um predicado completo. Vejam-se os exemplos os verbos behave e treat em²²:

(139) Joan behave **badly**.

(140) Most of the people treated Jill **rudely**.

A mesma ideia é proposta para o caso dos verbos de tipo locativo. Além disso, a autora apresenta alguns exemplos que demonstram que não só os advérbios modificam os verbos, como os próprios verbos modificam o valor do advérbio; por exemplo "andar depressa pode envolver um movimento mais vagaroso do que correr devagar", (pp. 166).

Uma outra ideia subjacente a toda a proposta, e também indirectamente adoptada por Larson, é o facto de se assumir que a distinção a fazer entre os advérbios e os objectos directo e indirecto de um verbo já não assenta mais na ideia da mera opcionalidade dos constituintes pós-verbais. Todavia, pretende-se mostrar que os advérbios internos a SV estão para o verbo como os outros complementos verbais, uma vez que preenchem um lugar de argumento aberto pelo verbo com o qual se combinam.

²² Exemplos da autora da página 165.

Todos estas razões conduzem à proposta de integração dos advérbios na estrutura do SV, a um nível mais baixo e profundo que o da integração dos argumentos internos obrigatórios. Sendo restrita ao advérbio a característica de modificação dos verbos, o que se pretende evitar é que o verbo já esteja relacionado com algum argumento quando recebe a modificação por parte do advérbio. Desta forma o advérbio passará a funcionar para o verbo como um operador. A questão põe-se de igual forma para verbos transitivos ou intransitivos.

Em jeito de síntese, a proposta da autora defende os seguintes pressupostos que passo a citar: «a) VP-internal adverbs are (mostly) Ad-Verbs; i.e. they combine with a verb rather than a VP. b) Ad-Verbs typically have a dual function: they augment the order of the verb on which they operate, and they specify the value(s) of the added argument place(s).; c) The operation combining verbs and adverbs is the same, cross-categorial; i.e. syntactic constituency and semantic type of the verb + adverb phrase can be stated independently of the categorization of the verb».

3.4. Uma síntese possível para os advérbios de modo de SV

Depois da apresentação das ideias fundamentais de Larson(88) e MC. Ginet(82) voltemos aos exemplos em Português e à discussão da natureza dos advérbios como *bem*, *astutamente* em exemplos como (132) e (133). Tínhamos visto que a proposta

de Pollock(89) de adjunção dos advérbios como **often** a SV só dá conta de uma das ordens de palavras para os advérbio de modo "internos a SV" SN / Adv / V, não explicando ocorrências com a ordem SN / V / SN / Adv , como nos exemplos referidos:

(132) A Rita comeu a sopa **bem**.

(133) O Pedro resolveu o problema **astutamente**.

Por outro lado, acabámos de ver no parágrafo anterior que a proposta de Larson(88) com a integração dos advérbios como **recently** sob SV, na posição mais baixa na hierarquia, não dá conta nem de uma ordem de palavras diferente como em (141) nem da alternância de sentido do advérbio **bem** em (130) (modo) e em (110) (quantidade) aqui repetidas como (141) e (142):

(141) A Rita comeu **bem** a sopa.

(142) A Rita comeu **bem**.

Gostaríamos de mostrar que as diferentes leituras do advérbio decorrem de diferentes posições de engendramento do mesmo, numa estrutura que contemple a distribuição do advérbio em Português.

Aquando da apresentação da proposta de Larson(88) para a estrutura altamente hierarquizadada de SV avançámos com a ideia que os advérbios de quantidade/modo lexicalmente dependentes de verbos como comer, beber, pagar tinham o papel

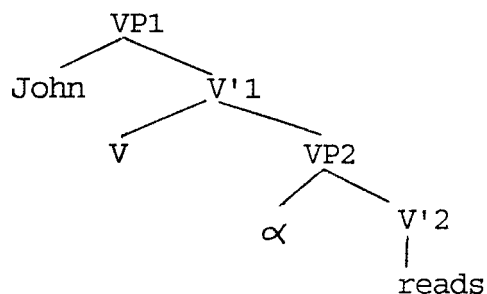
temático de Objecto ou Tema e manteriam o papel temático de Modo com os verbos como vestir-se, arranjar-se, etc.. Propusemos, então que os advérbios com leitura de quantidade ocupassem um posição de Esp de SV, tal como a que é proposta por Larson para os argumentos do verbo que desempenham o papel temático de Objecto ou Tema.

Chomsky(95), (pp.15-17), ao tratar os advérbios como *often*, anteriormente considerados pelo autor como advérbios adjuntos, propõe uma análise semelhante. Adoptando uma solução "à Larson", Chomsky faz a análise da frase:

(143) John reads *often* to his children.

tomando o advérbio como sendo um ESP de um dos níveis mais altos de SV. Uma primeira observação em relação a esta análise relaciona-se com o facto de Chomsky não ter proposto que o advérbio ocorresse na posição mais baixa de SV, tal como é proposto por Larson (ver discussão anterior), mas sim numa posição Esp como em (144):

(144)



onde α corresponde ao advérbio **often** da frase (143). Porém, a mesma solução não se aplicaria a uma ocorrência de **often** numa frase como (145), considerada agramatical por questões de violação de princípios de minimalidade, que segundo Chomsky, impediriam o acesso do SN books ao caso acusativo.

(145) * John reads **often** books.

Interessa, todavia, reflectir o que terá levado Chomsky a incluir um advérbio deste tipo numa posição de ESP de um dos níveis de SV. **Often** parece-nos ocupar o lugar destinado pela Hierarquia Temática de Larson aos argumentos com papel temático de Objecto ou Tema. Uma vez que não há na frase nenhum SN, podemos pôr a hipótese de Chomsky ter aproximado esta ocorrência de **often**, não ao seu carácter de advérbio aspectual, mas que tenha associado à noção de frequência uma ideia de "certo número de revistas, de livros", etc., numa paráfrase do tipo:

(146) John reads many books to his children.

Se assim for, esta hipótese parece vir ao encontro da proposta que fizemos para o engendramento de **bem** em:

(142) A Rita comeu **bem**.

segundo a qual a posição de Esp de SV poderia ser reservada para advérbios com leitura de quantidade.

Sendo assim, voltamos à questão central desta dissertação: como contemplar numa estrutura semelhante a leitura de modo do mesmo advérbio, uma vez que defendemos que essa alteração de sentido deve estar associada a diferentes posições estruturais?

Voltemos à proposta de Larson e relembremos a posição defendida pelo autor para o engendramento dos advérbios. *Recently* (bem como outros advérbios do mesmo tipo) e na linha da análise de Ginet (82), deverá relacionar-se com o verbo antes de este se relacionar com os outros argumentos. Daí a posição de engendramento do advérbio ser a mais baixa em estrutura, como complemento do verbo.

Vejamos como uma proposta deste tipo pode dar conta dos advérbios de Modo que temos vindo a analisar. Os exemplos que pretendemos analisar são os que fomos enunciando ao longo do trabalho e que reunimos aqui com nova numeração por uma questão de clareza:

(147) a) A Rita comeu **bem** a sopa.

b) a Rita comeu a sopa **bem**.

(148) O João comportou-se **mal**.

(149) Aquela senhora veste **elegantemente**.

(150) a) O Pedro resolveu astutamente o problema.

b) O Pedro resolveu o problema astutamente.

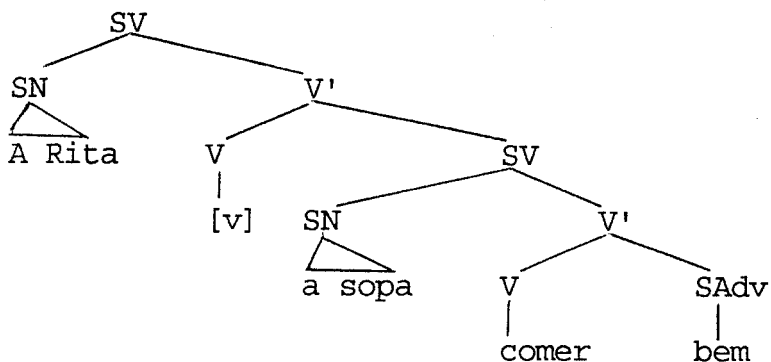
Começemos pela análise de **bem**, em (147) a) e (141) b), uma vez que nos temos vindo a ocupar deste advérbio, por exibir as características já apontadas. Um dado novo relativamente a (142) é a ocorrência do objecto directo do verbo - a sopa. Como articular, então, a presença do advérbio com a existência do argumento interno?

A proposta que faremos surge na linha da análise de Larson para a análise de:

(151) John saw Mary **recently**.

O Objecto Directo do verbo surgiria como ESP de um dos níveis de SV e o advérbio de modo seria engendrado na posição destinada aos modificadores verbais, isto é, na posição mais encaixada em V'. Assim, a Estrutura-P de (147) b) seria, simplifcadamente, a seguinte:

(152)



Dando-se a subida do SN_{sub} e do Verbo, pelas razões que já apontámos anteriormente, a ordem de palavras obtida é a de (147) b) (A Rita comeu a sopa bem) que, embora sendo a ordem menos frequente em Português, é aceitável²³. A leitura que se faz dos advérbios de modo **bem** ou **astutamente** em fim de frase parece ser significativa, pois essa posição favorece uma leitura mais acentuada de modo/maneira de realização da acção, do que a posição mais usual: imediatamente a seguir ao verbo.

Uma solução deste tipo poderia contemplar também ocorrências de advérbios de modo com os verbos comportar-se (como em (148)), vestir (como em (149)). Tínhamos visto que a ocorrência do advérbio se torna indispensável com este tipo de verbos, o que nos tinha levado à formulação da hipótese de estes advérbios serem "subcategorizados" pelos verbos. Mas dado que têm uma leitura de modo/maneira diferente da leitura de quantidade de **bem** em A Rita comeu bem, parece-nos justificar-se diferentes posições para estes advérbios.

Mantendo uma estrutura altamente hierarquizada de SV que parece ser versátil na resolução de alguns problemas sintácticos e obedecendo ao princípio da Hierarquia Temática defendida por Larson(88), salvar-se-ia a nossa intuição de que diferentes leituras/interpretações do advérbio correspondem a diferentes posições estruturais.

²³ Note-se que problemas deste tipo não se põem para o Inglês que não permite outro tipo de distribuição para o advérbio. Veja-se: *John recently saw Mary.

Antes de voltar aos exemplos (147) e (150) a), justifica-se um comentário relativamente a frases como (153) e (154), onde se verifica a co-ocorrência de advérbios de modo/maneira com outros modificadores:

(153) O João portou-se **bem** nas aulas.

(154) A Rita comeu **bem** a sopa na sexta-feira.

Os elementos frásicos "nas aulas" e "na sexta-feira" são tradicionalmente tomados como complementos circunstanciais. Dificilmente se encontraria justificação para a sua integração como argumentos ou complementos do verbo, como pretende fazer Larson com a análise já apresentada no ponto 3.3.2. Além disso, o autor não prevê contextos de co-ocorrência como os acima mencionados. Mantendo a proposta de engendramento dos advérbios de modo na posição mais baixa de SV, estruturas deste tipo poderão ser obtidas, na nossa opinião, pela adjunção dos referidos complementos à direita de F. A adjunção à direita também daria conta de "circunstanciais" deste tipo em topo de frase. Veja-se os exemplos (155) e (156):

(153) Nas aulas, o João portou-se **bem**.

(154) Na sexta-feira, A Rita comeu **bem** a sopa.

Mas continua por resolver a ordem SN / V / Adv (modo/maneira) / SN exibida nos exemplos (147) e (150) a). Voltemos, portanto, a esses exemplos.

A distribuição do advérbio em posição imediatamente a seguir ao verbo e antes do SN_{O.D.} parece não ter explicação numa estrutura como a que adoptámos anteriormente. Uma vez que o SN_{O.D.} deverá ocupar a posição de Esp de SV mais encaixada e o advérbio, sendo um advérbio de modo, deveria ocupar, segundo Larson, uma posição ainda mais baixa na estrutura, logo, engendrando a ordem SN / V / SN / ADV e não SN / V / Adv / SN. Uma hipótese sempre a explorar é a hipótese de adjunção. Será que a adjunção dos advérbios de modo a SV justificaria a posição em questão? É o que vamos tentar discutir através da análise dos seguintes exemplos:

(157) a) O João tem **cuidadosamente** preparado a encenação.

b) O João tem preparado **cuidadosamente** a encenação.

(158) a) O aluno tem **violentamente** protestado.

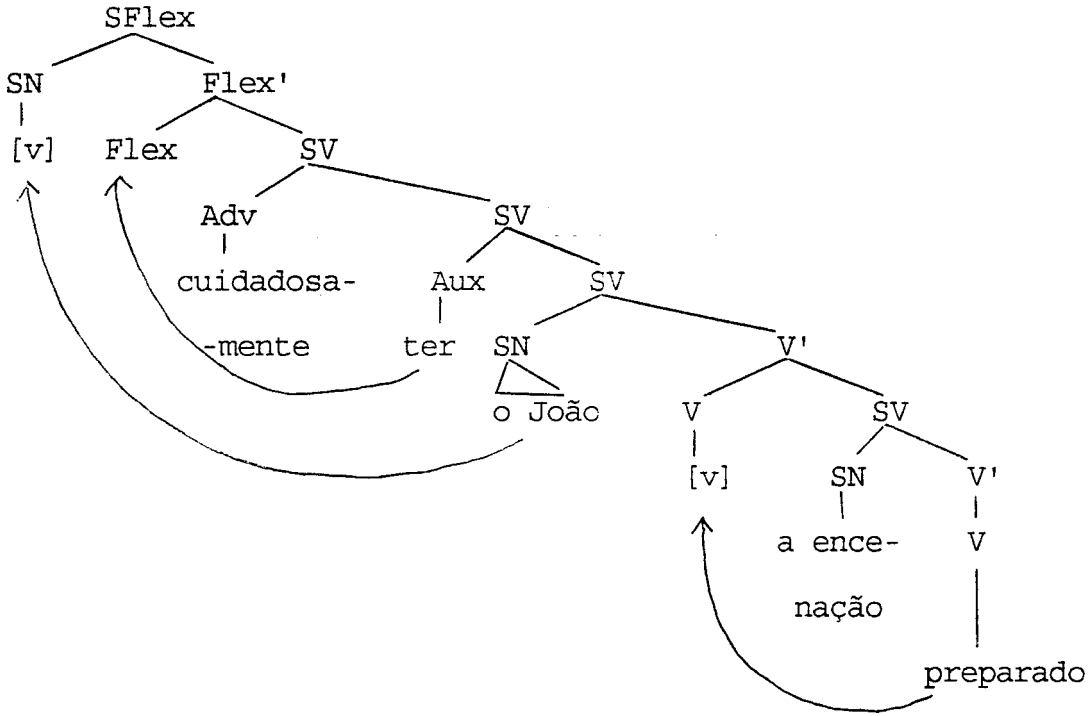
b) O aluno tem protestado **violentamente**.

O que estas duas ocorrências deixam prever é uma posição mais alta para o advérbio de modo, que parece ser de adjunção ao SV propriamente dito.

Suponhamos que a Estrutura-P de (157) a) e (158) a) é a seguinte, onde o Verbo é engendrado na sua forma participial só precisando de se mover para uma posição de V e não para

Flex (ao contrário do que propunha Belletti, ver capítulo II):

(159)



Movendo-se o auxiliar²⁴ para o que aqui simplificadamente descrevemos como Flex²⁵ e elevando-se o SN para Esp dessa projecção máxima obtemos uma Estrutura-S correspondente à ordem de palavras de (157) a).

Adoptando uma estrutura de adjunção à esquerda de SV para os advérbios poderíamos resolver, então, não só frases como (157) a) e (158) a), mas também como (147) a) e (150) a):

(147) a) A Rita comeu **bem** a sopa.

²⁴ A análise proposta é para o Aux ter e não é extrapolável a outros auxiliares.

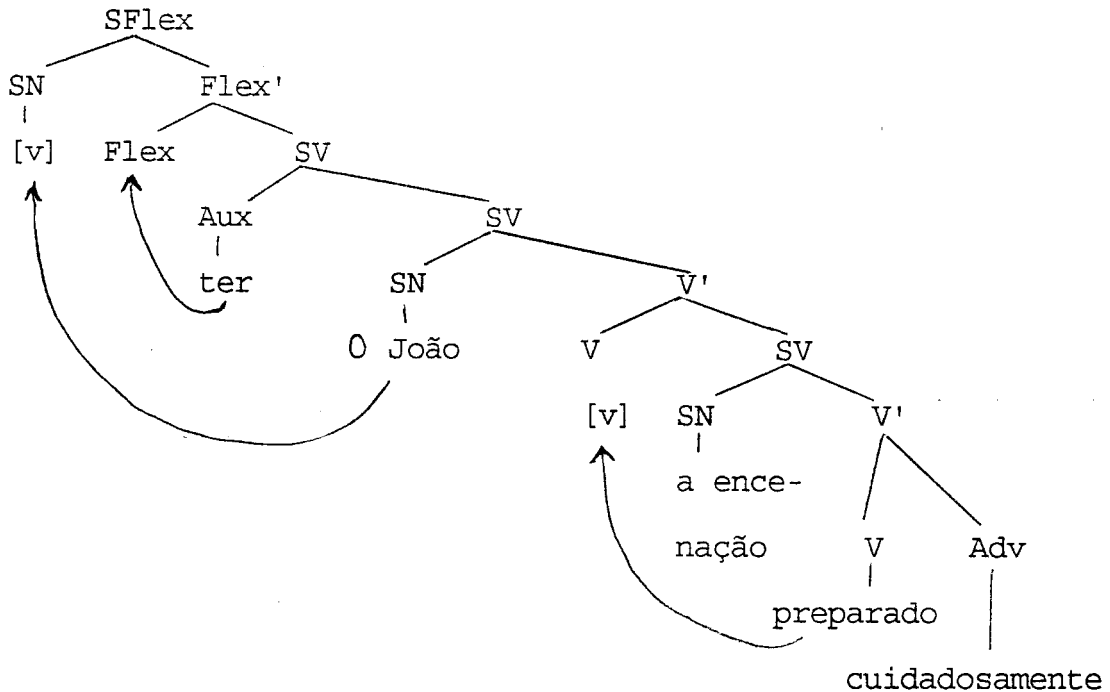
²⁵ Mas, na realidade, o Aux ter move-se para T e para AC, como propõe Belletti(90).

(150) a) O Pedro resolveu **astutamente** o problema.

De facto, se estas frases tiverem uma estrutura como a que se propõe, simplifadamente, em (159), com os movimentos adequados explica-se a posição do advérbio entre o verbo e o SN. Repare-se que esta posição poderia ser também ocupada pelos advérbios de modo frásicos "orientados para o Sujeito", normalmente marcados prosodicamente (ver capítulo II). Nesse caso, vemos que a fronteira entre advérbios frásicos "orientados para o Sujeito" e advérbios de SV tende a apagar-se. A corroborar esta hipótese parece-nos que, de facto, a ordem exibida em frases como (157) a) e (158) a) é a preferida para uma leitura de "orientado para o Sujeito".

Vejamos agora a ordem exibida em (157) b) e (158) b): SN / Aux / PartPass. / Adv. Aqui, uma posição mais baixa, "à Larson", daria conta das ocorrências do advérbio em posição pós-verbal:

(160)



Já se disse anteriormente que, associada a esta posição, há uma interpretação que destaca o modo/maneira.

Na realidade, parece que vamos ao encontro da proposta de Ginet(82) na distinção nos "Ad-Verbs" de advérbios externos e internos a SV. Para os advérbios internos a SV distinguimos duas posições distintas: uma, num nível mais encaixado em SV (sob V'), que corresponde à leitura de Modo, uma outra em ESP de um dos níveis de SV, que corresponde a uma leitura de Quantidade. Os advérbios considerados exteriores a SV (adjuntos a SV) têm uma leitura de Modo.

Se for correcta a hipótese apresentada explica-se que os advérbios frásicos "orientados para o sujeito" possam surgir nesta posição, comportando-se efectivamente como advérbios de modo/maneira. Note-se uma vez mais que a posição de adjunto a

SV corresponde, portanto, a duas situações: (i) advérbios de modo/maneira sem marcação prosódica (ii) advérbios frásicos "orientados para o Sujeito" e frásicos "orientados para o falante" necessariamente marcados prosodicamente.

Uma proposta de tratamento dos advérbios é sugerida por Cinque(93) no âmbito das projecções funcionais. Para Cinque, o tipo e ocorrências dos advérbios na frase são um forte argumento em favor da hierarquia de categorias funcionais na estrutura frásica, na medida em que se estabelece uma relação Esp/núcleo entre as diferentes classes de advérbios e as projecções funcionais.

Esta proposta parece, à partida, ser aquela que mais facilmente resolve os problemas de ordem de palavras e, conseqüentemente, as leituras diferenciadas para o advérbio dependentes das diversas ocorrências.

A proposta de Cinque baseia-se em duas constatações importantes no que respeita o Italiano: em cada parte da oração há uma sequência fixa de ocorrências de advérbios e a evidência da existência de um núcleo, quer à direita, quer à esquerda de cada advérbio. Se a primeira constatação não é passível de ser obtida por simples adjunção, a segunda exclui igualmente essa hipótese, uma vez que entre dois núcleos diferentes a Teoria da X-Barra só prevê o espaço para um Esp. Assim, a proposta defende que os advérbios ocupam a posição de Especificadores de diferentes categorias funcionais, cuja natureza e ordem é independente umas das outras.

Apoiando-se nas evidências de diversas línguas que assimilam os morfemas verbais segundo uma determinada ordem,

defende-se que a ordem desses morfemas aparece como espelho das suas estruturas de base. Da mesma forma aconteceria para os advérbios. Para o Italiano, Cinque propõe que a ordem fixa seria a seguinte²⁶ (pp. 15):

(161)

[TIP Ora T1 [(epist)Mod fortunatamente Mod_{ep} [MoodP probabilmente Mood [(root)Mod abilmente Mod [Neg mica Neg [T2P già T2 [(perfect)AspP più Asp_{perfect} [(gen)AspP sempre Asp_{gen} [(telic)AspP completamente Asp_{tel} [(perfective)AspP tutto Asp_{perfective} [VoiceP bene Voice() VP

O que nos importa reter é em que medida um estabelecimento deste tipo serviria para explicar a distribuição dos advérbios de modo.

Quanto aos advérbios frásicos, julgo que a posição distinta para os advérbios modais e os advérbios de modo parece vir ao encontro das ideias gerais que expusemos no Capítulo II e que contemplam, segundo Cinque, as classes propostas por Jackendoff(72). Assim, **Fortunatamente**, como advérbio orientado para o falante, está em posição de Esp da categoria Modalidade Epistémica; a seguir é projectada a categoria funcional SModalidade, podendo os advérbios **sicuramente** / **probabilmente**, ser engendrados na posição de

²⁶ Não é possível mostrar exemplos em frases concretas pois o "handout" só apresenta a representação da ordem dos advérbios, tal como se transcreve em (161).

Especificador dessa categoria. Por sua vez, estes dois advérbios estão mais altos do que **abilmente**, que se integra na subclasse de advérbios orientados para o Sujeito. Seguem-se os advérbios de Negação, Tempo e Aspecto. Mas como a noção de Aspecto é muito ampla, Cinque é "obrigado" a propor várias categorias funcionais ligadas ao Aspecto, sendo as diversas posições de Esp ocupadas por diversos tipos de advérbios aspectuais. Seguem-se, por último, os advérbios que Cinque designa como estando ligados à "Voz" do Verbo.

Segundo esta proposta fica sem sentido falar-se em advérbios frásicos e advérbios de SV, uma vez que todos passam a ocupar posições de Esp de categorias funcionais. E Cinque pretende assumir que o inventário desses núcleos funcionais deve ser um universal da gramática. Sendo assim, a hipótese de Cinque parece ser a mais versátil e com maior capacidade de resposta aos problemas levantados, na análise dos advérbios.

No artigo de Ambar(90), faz-se uma proposta semelhante para o Português. À semelhança das relações que se processam entre núcleos e especificadores, os advérbios (por ex. os de tempo) entrariam em relação com a categoria com a qual partilham traços (por ex. ST). A análise da autora, e ressalve-se que o seu estudo não abarca só os advérbios frásicos, vai mais longe, admitindo que o advérbio é basicamente engendrado à esquerda do núcleo da categoria que modifica e, pelo Princípio da Projecção de Adjuntos, desloca-

-se para uma posição de adjunção como especificador de projecção máxima da mesma categoria.

Todavia uma proposta do tipo sugerido por Cinque levanta crucialmente a discussão da própria estrutura de frase e do número e natureza das categorias funcionais que uma frase comporta. Na sua análise, a representação de uma simples frase incorre numa sobrecarga de níveis quer categoriais, quer funcionais. Apesar de Cinque defender a ideia que a maior parte dessas categorias apresenta, em Estrutura-P, valores nulos, eles terão de ser sempre projectados.

Por outro lado, parece justificar-se a observação de João Costa (Conferência sobre Interfaces em Língua, Porto, (95)) segundo a qual a hipótese de Cinque é grandemente circular: o número e categorias funcionais é proposto para dar conta dos diferentes tipos de advérbios e, por sua vez, é a possibilidade da língua de co-ocorrência de vários tipos de advérbios que leva Cinque a propor todas estas categorias funcionais.

O objecto de estudo desta dissertação foram os advérbios de Modo do Português. Incorporados numa categoria gramatical caracteristicamente heterogénea, os advérbios de modo mostraram alguns comportamentos sintácticos regulares, o que nos permitiu agrupá-los em advérbios frásicos e advérbios de SV.

No Capítulo I, procurámos verificar que o estatuto sintáctico dos dois tipos de advérbios era diferentes e, logo aí, começou a "desenhar-se" a hipótese de que diferentes propriedades estruturais correspondem leituras diferentes.

No Capítulo II estudaram-se os advérbios frásicos. A análise só foi possível depois da distinção entre advérbios frásicos "orientados para o falante" e de advérbios frásicos "orientados para o Sujeito". Salientou-se que os advérbios frásicos, embora sempre marcados prosodicamente, sendo externos a SV e ocorrendo em diferentes posições sem que isso altere modificação de sentido, podem, quando a sua leitura é "orientado para o Sujeito", levantar alguns problemas de interpretação.

Uma vez definido esse pressuposto, analisámos algumas ocorrências de advérbios frásicos tendo como ponto de partida os princípios da Teoria da Regência e da Ligação e uma apresentação crítica da proposta de Belletti(90) para o Italiano. Da análise feita, é possível destacar as seguintes

ideias: os advérbios frásicos em Português são prosodicamente marcados; a "incorporação" deste tipo de advérbio nas frases é feita por adjunção:

- as ordens ADV / F e F / Adv podem ser descritas por adjunção do advérbio respectivamente à esquerda e à direita de F (SAC).

- a ordem SN / Adv / V é o resultado da adjunção do advérbio a SAC, ocupando o Sujeito o lugar de uma categoria funcional mais alta.

- a ordem SN / Aux / Adv / Part.Pass. resulta da adjunção do advérbio ao SV propriamente dito.

- por último, a ordem SN / V / Adv / Compl. Subcateg. é a mais polémica para os advérbios frásicos, sendo talvez possível justificá-la por adjunção a SV; mas sempre dotados de marcação prosódica.

O capítulo III parte da distinção feita no primeiro capítulo de dois tipos de advérbios de SV : os advérbios "subcategorizados" pelo verbo e os advérbios "adjuntos a SV".

Na primeira parte, foi discutida a própria noção de subcategorização. Estabelecemos três grupos de verbos para os quais a ocorrência do advérbio é fundamental para que a sua significação se complete. Constatámos que num dos grupos de verbos (comer, beber) a ocorrência do advérbio **bem** oscila entre a leitura de Modo e de Quantidade. Tendo em vista essas diferenças interpretativas e baseada na proposta de Larson(88) procurei demonstrar que uma estrutura altamente hierarquizada do SV e que siga a Hierarquia Temática proposta

pelo autor dá conta dessas duas leituras diversas do advérbio.

A segunda parte do Capítulo III discute a integração na frase dos advérbios de SV, não seleccionados pelo verbo. Confrontou-se a proposta de adjunção na linha de Pollock(89) com a proposta de Larson(88) da integração de todos os modificadores verbais no nível mais baixo da estrutura de SV. Este tipo de proposta decorre da análise semântica feita por Ginet(82), da qual discutimos alguns pressupostos.

Dada a incapacidade de as análises comentadas captarem adequadamente as propriedades da distribuição dos advérbios de modo/maneira em Português, procurámos estabelecer uma proposta de síntese.

Mantendo a estrutura proposta por Larson(88), adoptámos a posição de Esp de SV para os advérbios de "modo" com leitura de quantidade e reservámos a posição mais baixa da estrutura sob V' para os advérbios de modo, propriamente ditos. Desta forma, as duas posições defendidas respeitam a Hierarquia Temática. Uma tal proposta não exclui a existência de uma estrutura que prevê a adjunção dos advérbios de modo a SV.

Vimos ainda que esta posição é uma possível fronteira dos advérbios de modo/maneira com os advérbios frásicos "orientados para o Sujeito", constatando para estes casos, mais uma vez, que é impossível dissociar a interpretação semântica da ocorrência sintáctica.

Em Apêndice apresentámos a proposta de Cinque que analisa os advérbios em geral como ocupando a posição de Especificadores de categorias funcionais. A proposta de Cinque(93) agrada-nos por ser uma proposta que resolveria muitas questões que dizem respeito à ordem de palavras, por outro lado as questões que levanta vão muito além desta dissertação.

De toda a análise feita, gostaríamos de notar que as ocorrências de advérbios de modo em estruturas de adjunção são preferencialmente marcadas prosodicamente ao contrário dos advérbios integrados em SV. Por sua vez, vimos que a alteração de sentido de um mesmo advérbio só se dá quando ele ocorre sob o nó SV. A tese que elaboramos nesta dissertação para análise dos advérbios de modo é mista, uma vez que defendemos que alguns advérbios ocorrem em estruturas de adjunção e outros integrados em SV, como Esp ou sob V'.

Em suma, vimos nesta análise sintáctica da distribuição dos advérbios em Português que ela é indissociável da interpretação semântica e da marcação prosódica. Tudo isto faz pensar que, cada vez mais, se justifica que os estudos linguísticos se façam no domínio das Interfaces.

-
- AMBAR, M.M. (1990): "Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase", Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística F.L.Lisboa, pp.369-395
- BELLETTI, A. (1990): "Generalized verb movement. Aspects of verb syntax". Rosenberg & Sellier, Torino.
- CASTELEIRO, M. (1983): "Análise gramatical dos advérbios de frase", in BIBLOS, 58, pp. 99-110.
- CHOMSKY, N. (1981): Lectures on Government and Binding, Foris, Dordrecht
- CHOMSKY, N. (1986): Knowledge of Language. Its Nature, origin and use. Praeger, New York, Trad. Portuguesa, Caminho, Lisboa, 1994
- CHOMSKY, N. (1995): "Categories and transformation in a minimalist framework", in The minimalist program, MIT Press
- CINQUE, (1995) "Adverbs and the Universal hierarchy of funcional projections" (handout), Glow newsletter, 34, Spring, pp.14-15.
- COSTA CAMPOS, M^a H. e XAVIER, M.F. (1991): Sintaxe e Semântica do Português, Universidade Aberta
- COSTA, J. (1995): "Adverbs and the interaction of levels of grammar", handout da Conferência Internacional de Interfaces em Linguística, Porto.

- CRISMA, P. (1993): "On the adjective Placement in Romance and Germanic Event Nominals", in Venice working Papers in Linguistics, vol 3.2., pp.81-106.
- CUNHA, C e CINTRA, L. (1984): Nova Gramática do Português Contemporâneo. Ed. Sá da Costa, Lisboa.
- FROTA, S. (1992): "A Prosódia do Advérbio na frase, interacção e convergência". Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, pp.204-224.
- GUIMIER, C. (1986): Syntaxe de l'Adverbe Anglais, Presses Universitaires de Lille
- GUIMIER, C. (1991): "Sur l'adverb orienté vers le Sujet" in Les États de l'adverb, Travaux de linguistiques du Cerlico 3, Presses Universitaires de Rennes, pp.97-114
- GUIMIER, C. (1991): "Peut-on définir l'adverb" in Les États de l'adverb, Travaux de linguistiques du Cerlico, 3 Presses Univ. Rennes, pp.11-34
- HALE, K & KEYSER, S.J. (1993): "On Argument Structure and Lexical Expression of Syntactic Relations", in The View from Building 20, Hale, K & Keyser, S.J. (Edit.)
- HERNANZ, M.L. e BRUCART, J.M. (1987): La sintaxis. 1. Principios teóricos. La oración simple. Ed. Crítica, Barcelona, pp.267-287
- HIGGINBOTHAM, J. (1985): "On Semantics". Linguistics Inquiry, Vol 16, number 4, Fall

- HIGGINBOTHAM, J. (1995): "On Some Uses of Events in Linguistics Semantics" handout da comunicação apresentada no XI Encontro da APL, Outubro
- ILARI, R., et alii, (1991): "Considerações sobre a posição dos advérbios" in Castilho, A.P. (org.) Gramática do Português falado. Vol.1: a ordem, Ed. Unicamp, pp.63-141
- JACKENDOFF, R.S. (1972): Semantic Interpretation in Generative Grammar, Cambridge, Mass: MIT Press, pp 49-107
- KAYNE, S.R. (1984): Connectedness and Binary Branching, Foris, Dordrecht
- KATO, M.A. e CASTILHO, (1991): "Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador?" D.E.L.T.A., vol.7, nº1, pp.409-423
- KAUFMAN, A.B. (1992): "Functional Projections Meet Adverbs", in Catalan Working Papers in Linguistics, pp 45-85
- Langue Française (1990) décembre, nº 88, Larousse.
- LARSON, R.K. (1985): "Bare-NP Adverbs", in Linguistic Inquiry, Vol.16, number 4
- LARSON, R.K. (1988): "On the Double Object Construction", in Linguistic Inquiry, Vol.19, number 3, summer
- LASNIK, H. (1994): Verbal Morphologie: Syntactic Structures Meets the Minimalist program. University of Connecticut
- MATEUS, H.M. et alii, (1989): Gramática da Língua Portuguesa, 3ª Edição, Caminho, Lisboa.
- McCONNELL-GINETT, S. (1982): "Adverbs and Logical Form: A linguistically realistic theory", Language, vol.58, number 1, pp. 144-184

- MULLER, C. (1991): "Rarement em tête: un exemple de construction adverbial complexe" in Les États de l'adverb, Travaux de linguistiques du Cerlco, 3, Press. Universit. Rennes, pp.76-94.
- OBENAUER, H.G. ZRIBI-HERTZ (1992): Struture de la Phrase et Théorie du Liage, PUV, Saint-Denis
- PERINI, M. (1989): Sintaxe Portuguesa, Metodologia e funções, Básica Universitária, S. Paulo, pp. 113-141
- POLLOCK, JEAN-YVES, (1989) "Verb movement, Universal Grammar and the structure of IP", in Linguistic Inquiry, Vol. 20, number 3, Summer, pp.365-424
- RAPOSO, E. (1992): Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem. Editorial Caminho, Lisboa,
- ROUVERET, A. (1995) " Clitics, Subject and Tense in European Portuguese", Universidade de Paris 8, não publicado
- VILELA, M. (1994): "Circunstantes e Predicados complexos" in Verbo e estruturas frásicas. Revista da Faculdade de Letras do Porto, Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica, Porto, pp 195-216.
- VILELA, M. (1995): Gramática da Língua Portuguesa, Livraria Almedina, Coimbra
- ZUBIZARRETA, M.L. (1987): Levels of representation in the lexicon and in the syntax, Foris, Dordrecht.



ERRATA

- Pág. 19 - linha 6 Onde se lê simplesmenente, deve ler-se simplesmente.
- Pág. 25 - linha 1 Onde se lê Portugês, deve ler-se Português.
- Pág. 29 - linha 9 Onde se lê prosodica, deve ler-se prosódica.
- Pág. 32 - linha 18 Onde se lê concorrências, deve ler-se ocorrências.
- Pág. 56 - linha 11 Onde se lê (89), deve ler-se (90).
- Pág. 57 - linha 11 Onde se lê correspodem, deve ler-se correspondem.
- Pág. 58 - nota de rodapé Onde se lê 12, deve ler-se 13.
- Pág. 66 - linha 4 Onde se lê atribuidos, deve ler-se atribuidos.
- Pág. 74 - linha 2 Onde se lê mover-, deve ler-se mover-.
- Pág. 81 - linha 3 Onde se lê (133), deve ler-se (132).
- linha 8 Onde se lê (127) e (128), deve ler-se (132) e (133).
- Pág. 89 - linha 4 Onde se lê um, deve ler-se uma.
- Pág. 92 - linha 3 Onde se lê (141) b), deve ler-se (147) b).
- Pág. 94 - linha 17 Onde se lê direita, deve ler-se esquerda.
- linha 20 Onde se lê (153) e (154), deve ler-se (155) e (156).
- Pág 104 - linha 7 Onde se lê diferentes, deve ler-se diferente.